O Padre Monte

Missionário da Congregação do Espírito Santo

EDITORIAL L. I. A. M.
LISBOA—1948

BV
3705
.M66
P3
1948

LIBRARY OF PRINCETON
SEP 12 1981
THEOLOGICAL SEMINARY

BV
3705
.M66
P3
1948

O PADRE MONTE

MISSIONÁRIO
DA
CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

NIHIL OBSTAT
Lisboa, 13 de Maio de 1948
Agostinho de Moura, C. S. Sp.
Cens. dep.

IMPRIMI POTEST
Lisboa, 13 de Maio de 1948
P. José Pereira de Oliveira, C. S. Sp.
Sup. Prov.

IMPRIMATUR
Lisboa, 9 de Julho de 1948
✝ *João, Bispo de Vatarba*
Vig. Ger.

BIBLIOTECA MISSIONÁRIA DA L. I. A. M.

O PADRE MONTE

Missionário
da
Congregação do Espírito Santo

LIBRARY OF PRINCETON
SEP 17 1981
THEOLOGICAL SEMINARY

EDITORIAL L. I. A. M.
LISBOA — 1948

Ao leitor

Dois fins teve em vista quem se pôs a cerzir, com poucas e desalinhavadas palavras suas, algumas das páginas preciosas deixadas pelo saudoso Padre Monte.

O primeiro satisfaz uma necessidade do seu coração de discípulo e confrade amigo. Pareceu-lhe que a alma do querido Padre Monte não era uma alma qualquer. Tenta aqui torná-la conhecida e admirada de muitos, pois lhe parece digna de o ser.

O segundo motivo prende-se muito ao primeiro: há tantos exemplos de cobardia a ajudar o egoísmo com que todos nascemos que, quando descobrimos uma alma generosa e recta como a do Padre Monte, parece-nos que a devemos descobrir muito descoberta, levantá-la bem alto, para que todos lhe vejam a beleza e a grandeza e se deixem arrastar para cima!

Não nos demoramos a pedir desculpa das muitas deficiências deste pequeno trabalho, provenientes de causas várias.

Queremos, sim, agradecer a todos os que nos ajudaram: À família Pacheco Monte em primeiro lugar e muito especialmente à sobrinha, D. Maria do Carmo, destinatária das en-

cantadoras cartas, que publicamos e que nos foram enviadas com muitas e preciosas informações.

Agradecemos também aos Reverendos Párocos de S. Miguel, a quem nos dirigimos e que logo nos responderam, dando-nos os esclarecimentos pedidos.

Com a mesma prontidão nos respondeu o Rev.mo Sr. Cónego José Nunes Geraldo, digníssimo Arcipreste de Aveiro. De toda a família Geraldo, em cujo seio viveu durante um ano, era o Padre Monte amigo, como se irmão fora.

A Senhora D. Maria do Carmo Oliveira, digníssima Professora de Santa Bárbara de Santo António, o nosso muito obrigado pelo interesse com que trabalhou para nos fornecer todos os esclarecimentos possíveis.

Agradecemos, enfim, ao leitor a paciência que tiver para nos ler e fazemos votos para que a alma ao Padre Monte continue a arrastar almas para Deus.

Viana do Castelo, 24 de Abril de 1948

O Autor

CAPÍTULO I

Nascimento e primeiros anos

As nações, como os indivíduos, têm na terra uma missão a cumprir. Missão humilde ou sublime, que explica a sua existência no decorrer dos séculos. Missão que projecta luz brilhante a iluminar, com seus fulgores, a história e o destino dos povos livres.

Portugal pode orgulhar-se da sua missão redentora. Através dos mares e dos continentes, tem levado os benefícios da civilização cristã «aos povos que jaziam nas trevas e na sombra da morte».

Muito bem disse o *Diário dos Açores* quando afirmou: «Portugal é o roble gigantesco e multissecular que lançou seus ramos para o mar, sobre o qual se debruça, criando por um milagre de saber, de fé e de heroísmo, por todos os oceanos,

rebentos alimentados pelas mesmas raízes e que são seiva da sua seiva, sangue do seu sangue, alma da sua alma».

Sem falar do Brasil e das parcelas distantes do Império, podemos olhar para os Açores, onde a alma portuguesa tem mostrado fulgurações de génio e elevações de santo. Quantos homens grandes, nas letras e nas artes, na política e na colonização... viram a luz do dia nessas pérolas encantadas da vastidão azul do Atlântico! Só a Ilha de S. Miguel se gloria dos nomes ilustres de Antero de Quental, Teófilo Braga, Hintze Ribeiro, Sena Freitas, Barlolomeu do Quental, Roberto Ívens... para nomear apenas alguns dos que já passaram.

Foi também na *Ilha Verde,* a mais activa, a maior e a mais populosa do Arquipélago, que nasceu o P. José Pacheco Monte, alma ardente de apóstolo, que percorreu o mundo a irradiar o bom odor de Cristo.

A FAMÍLIA

Seus pais, José Pacheco Monte e Miquelina Rosa, eram lavradores modestos que viviam do seu trabalho. Habitavam na Rua do Teatro da pequena e humilde Vila do Nordeste. Como a generalidade dos lavradores portugueses, eram piedosos e educaram cristãmente os cinco filhos— Jacinto, Maria, Manuel, António e José—que lhes enchiam o lar de alegria e de encantos primaveris.

José, o mais novo, viu a luz do dia a 19 de Abril de 1876. Privado da mãe desde a hora do nascimento, sua tia materna, Ludovina Augusta da Conceição, tomou conta dele, criou-o e educou-o cristãmente com carinho e solicitude verdadeiramente maternais.

Eis como alguém descreve esse anjo tutelar do pequeno Pacheco Monte: «Foi criado com a tia chamada Ludovina, que era já velhinha mas que era uma santa criatura, muito boa, e que acompanhava sempre o sobrinho, tendo vindo mesmo aqui para os Remédios passar o verão naqueles três anos em que ele aqui esteve».

Um sacerdote que a conheceu refere-nos o seguinte: «Foi educado santamente por uma tia que teve os máximos cuidados com ele e lhe insuflou o santo amor de Deus que depois frutificou no seu santo apostolado de chamar almas para Deus».

Seus cuidados e esforços foram premiados por Deus quando o viu subir solenemente os degraus do altar. Que alegria para uma mãe, ainda que seja adoptiva, ver o filho celebrar a primeira Missa!... Hora feliz, festa das mães, porque só elas sabem senti-la plenamente!...

O pai do Padre Monte contraíu segundas núpcias com Ana Carreiro que não teve influência alguma na educação do pequeno, porque este viveu sempre com a tia.

BAPTISMO Dois dias após o nascimento, foi baptizada a criança na igreja de S. Jorge, Matriz da Vila do Nordeste, sendo presbítero baptizante o pároco da freguesia, Prior Jacinto Félix Machado, e padrinhos João de Medeiros Borges e Lúcia Henriqueta de Melo.

Com a água lustral do Baptismo, vinha a Santíssima Trindade tomar posse daquela alma simples e inocente. Sacrário da Divindade, céu pequenino entre os mortais! Oh! quem pudera guardar sempre imaculada a veste cândida do Baptismo!

* * *

O povo açoreano é bastante religioso. Todo ele rende a Deus um culto sincero, profundo, inteligente e sentido. A sua fé robusta não conhece respeitos humanos. Prova disto são as festas imponentes do Santo Cristo, onde uma multidão compacta de fiéis exterioriza a sua crença e em cuja procissão se incorporam centenas de senhoras, trajando luto rigoroso, no cumprimento de um voto feito em hora de amargura e negra aflição.

Outra manifestação de fé são os *romeiros.* Ranchos de homens «quase todos descalços, de jaqueta e calças de estamenha, levando na cabeça lenços vermelhos, na mão direita o *bordão de conto,* muito liso, na esquerda o *rosário de*

lágrimas, ao ombro o chaile com que se resguardam do frio da serra nas manhãs húmidas de Março e às costas a *cevadeira,* com o clássico *pão de milho,* o *queijo de cabra e flamengo,* a *massa sovada,* etc..

E lá vão eles, nessa romagem de penitência, percorrer, durante oito dias, todas as igrejas e ermidas da Ilha dedicadas à Mãe de Deus, cantando sempre ou rezando.

Foi neste meio de intensa fé cristã que cresceu o Padre Monte. Por isso, não admira que sua piedade fosse aumentando sempre com os anos.

PRIMEIRA EDUCAÇÃO

Neste sentido o foi educando a mãezinha adoptiva, como ele lhe chamava. Era toda ternura, mas não amimalhava.

«Olha, moço, — repetia-lhe a miúdo — eu repararei duas vezes no que te mandar fazer para não aventurar coisa superior às tuas forças, mas o que eu mandar hás-de fazê-lo.»

«E venceu — acrescenta o P. Monte. — Há dez anos que sou religioso e ainda me não torci uma só vez a uma ordem do superior e espero em Deus morrer sem o ter feito! Com humildade e na presença de Deus o digo».

«O carácter do P. Monte era rico. A uma inteligência lúcida juntava um coração de ouro e uma vontade forte, que sabia o que queria e queria-o até ao fim. Numa carta a sua sobrinha,

de 18 de Agosto de 1928, diz isto mesmo, ao recomendar-lhe constância e firmeza: «Eu não quero nem devo apresentar-me por modelo, mas olha que já desde pequeno — teu pai deve lembrar-se — onde metia a testa era meu!...»

ESTUDOS PRIMÁRIOS

Dos seus estudos primários com o professor Manuel Pereira Resende, pouco falava o P. Monte. Sabemos apenas que os fez em Nordeste e que os terminou com exame de admissão ao Liceu de Ponta Delgada em 1888, ficando aprovado.

«O P. Monte fez exame de admissão ao Liceu — escreve o P. Agostinho Daniel de Aguiar — porque nesse tempo correspondia ao exame complementar de instrução primária e era assim obrigatório para todos os que quisessem ser admitidos no seminário, como também sucedeu comigo.»

Muito haveria que dizer da infância do P. Monte, pois ele muito contou dessa quadra da sua vida. Mas, para o fazer, eram precisas a memória e a pena dele! Com quanta graça e naturalidade descrevia essas peripécias de criança!... Quem lhe ouviu contar certos episódios, como o canto da Verónica na procissão dos Passos, as aulas de canto na Matriz, há-de lembrar-se e rir-se sòzinho, muitas vezes, tanta era a graça do P. Monte ao narrá-los!

CAPÍTULO II

A Estrela da Vocação

Deus chama, de preferência, às culminâncias do sacerdócio os filhos de gente humilde. É nos meios rurais que se encontram o maior número de vocações e o clima propício para o seu desenvolvimento. Nos grandes centros, porque, em geral, a vida cristã é raquítica, só por excepção aparecem vocações sacerdotais.

José Pacheco Monte fez exame de admissão ao Liceu aos 12 anos. Do seu peito de criança brotava uma aspiração sublime! Sonhava um sonho dourado — ser ministro do Altíssimo!

«Quando criança — escreve um seu colega — já manifestava vocação para o sacerdócio, cobrindo-se com um chaile a imitar o hábito e subindo a uma cadeira a pregar às crianças suas vizinhas. Por isso, ainda bem novo, dirigiu seus

passos para o seminário de Angra onde foi estudante de destaque entre os seus colegas e contemporâneos, que todos muito o estimavam.»

NO SEMINÁRIO DE ANGRA

A mãe adoptiva acolheu com entusiasmo o desejo do pequeno. Preparou-se tudo. Nesse mesmo ano, o seu pupilo dava entrada no Seminário secular de Angra do Heroísmo.

No seminário deu provas de boa inteligência e comportamento exemplar. Soube conquistar, pelas suas qualidades, as simpatias de mestres e condiscípulos.

«Conheci muito de perto o P. Monte — declara o P. João Joaquim Borges — por ter sido meu contemporâneo no seminário. Embora ele fosse um ano mais adiantado nos estudos, eu era mais velho, pois conto 72 anos. P. Monte foi sempre um seminarista que exalava perfume de santidade! Humilde, a par de uma boa inteligência uma simplicidade que atraía; piedoso, de uma comunicação castiça! Chegou a ser meu subprefeito».

Muitos dos seus condiscípulos consagraram-lhe uma amizade sincera que nem o decorrer dos anos nem as distâncias conseguiram arrefecer. Foi nas paróquias desses amigos da juventude que o missionário P. Monte apregoou, mais tarde, o seu amor às Missões.

Ainda no fim da vida, o grande poeta do Vale das Furnas, o saudoso P. Botelho, falava do P. Monte com uma ternura que encantava. Durante toda a vida, amaram-se e corresponderam-se como dois irmãos queridos. O P. Rey foi outro grande amigo do nosso biografado.

«Como era amigo íntimo e afilhado do Crisma do Sr. P. Rey — diz-nos alguém que os conheceu — veio passar as férias, por três verões, em sua casa; e, ainda como seminarista, subiu muitas vezes ao púlpito e maravilhou a assistência com a sua palavra quente e entusiasta».

Com este amigo aconteceu uma peripécia engraçada que nos contou o bondoso P. Botelho. O Sr. Rey, talvez para cortar a monotonia do regime do seminário, lembrou-se de arranjar, extraordinàriamente, uma galinha assada. Escondeu-a como pôde e apressou-se a convidar o Sr. Monte a vir saborear o petisco.

Entretanto, alguém de olfacto apurado abriu a mala do Sr. Rey, comeu a galinha, atou os ossinhos com uma fita e suspendeu-os na fechadura da porta, com a legenda: «O milhafre comeu».

Depois de algumas hesitações, o Sr. Monte acedeu ao convite, e acompanhou o Sr. Rey ao quarto. Este, ao deparar com aqueles restos insolentes, arregalou os olhos, deixou cair os

braços, arqueou os lábios num oh! de espanto e de tristeza!...

Não gostou nada da brincadeira, mas, como é natural, nunca expôs ao Reitor o atrevimento do milhafre!...

O Sr. Monte atravessou, como todos os rapazes, a idade da poesia e dos sonhos cor de rosa. Permaneceu, no entanto, sempre agarrado à vocação. Eis um soneto que encontramos nos seus papéis, com a data de Novembro de 1894:

Mãe, é dura, cruel, excruciante
A Saudade triste, a extrema dor
Que a morte do teu anjo, o teu amor,
Trouxe ao teu coração agonizante.

A tua filha, tua só não era,
Outro coração ela havia preso,
Que, de puro amor em fogo aceso,
Inteiro, todo, todo se lhe dera.

Mas já que a mão da morte sem piedade
Dentre os corações nossos a roubou,
Deixando-os em pungente soledade,

Choremos sobre a lousa que a guardou
E diga o nosso amor com vaidade
Que um anjo a mais para o céu voou!

O Sr. Monte concluiu o curso teológico, com distinção, em 1897. Tinha 21 anos. No dia 11

de Julho, festa da Dispersão dos Apóstolos, foi ordenado Subdiácono pelo Prelado da Diocese, D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito. Parecia Nosso Senhor a indicar-lhe já a vocação a que o chamava.

A CONGREGAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NOS AÇORES

Nos fins de 1891, D. Francisco Lacerda, Bispo de Angra, enviava a Lisboa o P. José Maria Aloy do Rego para negociar, com os Padres do Espírito Santo, a fundação de um colégio em Ponta Delgada. Tratava-se de aproveitar o oferecimento de três senhoras piedosas que, não tendo herdeiros, desejavam empregar parte da fortuna numa obra dessa natureza.

Ainda nesse ano, chegaram aos Açores os primeiros Padres da Congregação para fundar o *Instituto Fisher*, assim chamado em homenagem ao Beato do mesmo nome, mártir da fé, em 1535, de cuja família eram as piedosas fundadoras.

INSTITUTO FISHER

As aulas abriram a 15 de Janeiro de 1892, apenas com 8 alunos externos, aos quais se foram juntando outros. Em Outubro seguinte já passavam de 80, número que foi aumentando sempre. Tudo parecia correr bem. O ódio e a inveja, porém,

levaram certos indivíduos anticlericais a fazer provocações e hostilidades ao Colégio e, por fim, a decidir a Câmara Municipal a fundar o *Colégio Açoreano*. Estava-se em 1902.

O Colégio Açoreano aparentemente parecia levar a palma ao *Instituto Fisher*: contava mais alunos!

Os resultados, porém, foram desanimadores. Ouçamos a este respeito Fortunato de Almeida na sua *História da Igreja em Portugal*:

«Até ali o *Instituto Fisher*, tanto na instrução primária como nos cursos secundários, não tinha sofrido ainda uma única reprovação. Os dois colégios rivais breve iam dar provas do seu valor respectivo. No ano de 1903 o *Instituto Fisher* apresentou a exame 12 alunos e o *Colégio Açoreano*, 18. O primeiro obteve 12 aprovações, 6 com distinção, e o segundo via reprovada a quarta parte dos seus alunos. Este facto, considerada a alta protecção de que gozava o *Colégio Açoreano*, demonstra por si só o valor da tão apregoada superioridade da pedagogia moderna e laica».

A princípio, entregaram-se os Padres exclusivamente ao ensino. O Governador Civil teria mesmo afirmado ao Superior do Colégio: «Uma vez que não vindes para pregar missões, mas que a vossa intenção é de vos limitardes à educação da juventude, podeis contar com a minha benevolência e o meu apoio.»

Decorridos alguns anos, vendo a necessidade que o povo tinha de instrução religiosa, os Padres Policarpo dos Santos e Luís Cancela pregaram várias misssões com grande satisfação dos fiéis. Evangelizaram particularmente a importante Vila da Ribeira Grande e as freguesias da Ribeira Seca, Maia, Calhetas, Fenais, Capelas e Bretanha.

Os missionários conquistaram fàcilmente o coração do bom povo micaelense. Eis como se exprime um deles a tal respeito: «Esta obra do Beato Fisher já nos conquistou a simpatia de toda a população de Ponta Delgada e de toda a Ilha de S. Miguel; ela parece destinada pela Divina Providência a operar um bem muito grande em todo o Arquipélago dos Açores, onde, de tempos imemoriais, o Espírito Santo é objecto de um culto popular muito especial. Há-de preparar-nos também, assim o esperamos, boas vocações de Padres e Irmãos para as nossas obras, sobretudo para as Missões».

Não terão os Missionários ido até Nordeste? Não se encontraria o Sr. Monte na Bretanha, em casa do seu amigo Rey durante a missão ali pregada? O certo é que já andava a estudar a fundo a sua vocação.

Ao concluir o curso teológico, sentia-se insatisfeito. O seu coração generoso queria dar-se totalmente. Parecia-lhe que uma voz misteriosa o chamava... Uma sede ardente lhe devorava

o peito e não sabia onde brotava a fonte para a mitigar!...

Como é que um ideal mais alto começou a fascinar a sua alma pura?

VOCAÇÃO RELIGIOSA E MISSIONÁRIA

«No verão de 1891 — diz-nos o P. Agostinho Daniel de Aguiar — falecera em Angra o Director Espiritual do Seminário, Padre secular, mas muito piedoso e à altura do lugar que ocupava. Depois da sua morte, passaram-se alguns anos sem Director Espiritual e apenas no princípio e fim de cada ano lectivo alguém fazia umas práticas, espécie de retiro abreviado aos alunos.

«Sabendo-se que nesse tempo o comportamento de vários sacerdotes deixava muito a desejar no que dizia respeito a comportamento moral, compreende-se a admiração pelo clero regular que, a convite de D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, foi chamado para a direcção espiritual do nosso seminário.

«Eram dos melhores os dois Jesuítas que para aqui vieram; e os melhores seminaristas, em vista dos perigos em que estava o clero secular, sentiram-se atraídos para as Ordens e Congregações religiosas e entre eles lá foi o P. Monte para os Padres do Espírito Santo.»

Durante os longos meses que mediaram

entre a sua promoção ao Subdiaconato e a entrada no Noviciado, de Julho de 1897 a Março de 1899, estudou e resolveu o grave problema da vocação. Quando descortinou a vontade de Deus a seu respeito, nada o fez recuar. Disse adeus aos parentes, aos amigos, à terra natal, e partiu. Bem conhecia as palavras categóricas do Mestre: «Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não é digno de mim». A sua alma sensível suportou a comoção da despedida com heroísmo e dignidade.

Eis como o seu amigo das Furnas resume a história dessa vocação: — «No seminário de Angra fez a sua preparação literária e teológica, criando em mestres e condiscípulos uma estima que nunca esmoreceu. Atingido o termo do estudantado, como não tivesse ainda a idade canónica para a ordenação, veio para a casa paterna.

«De passagem por Ponta Delgada, teve ocasião de se relacionar com os Padres do *Colégio Fisher* e em especial com o P. Luís Lourenço Cancela. Desta convivência brotou uma vocação religiosa que um longo futuro coroou do melhor êxito.

«Na vila da sua naturalidade, a família acolheu, com resignação dorida mas completa, esta resolução, para cuja realização concorreram não pouco os conselhos do santo Prior P. José Licindo da Graça e Sousa.

«Não foi sem sacrifício para a sensibilidade do jovem postulante que este propósito se efectivou. Na jornada da despedida, as lágrimas borbulhavam de pouco a pouco nos olhos do futuro missionário.»

CAPÍTUO III

Religioso e Sacerdote

O Noviciado é o tempo mais importante da formação do religioso. É nesse período de prova que se formam as grandes almas que perfumam os claustros com o suave odor das mais belas virtudes.

Durante esse ano santo, o noviço estuda a vocação, aprende as Regras e o espírito do Instituto e ensaia os primeiros voos na vida religiosa. Os superiores devem formá-lo na vida espiritual e religiosa tal como se pratica na Congregação. Ao mestre dos Noviços está reservada a difícil tarefa de reprimir-lhe as tendências viciosas, encorajá-lo nos desânimos, orientá-lo nas dúvidas, incitando-o à prática da generosidade, da renúncia e da união com Deus.

NO NOVICIADO DE GRIGNON

Em princípios de Março de 1899, encontrava-se o nosso biografado em Grignon, perto de Paris. Era aí, longe da Pátria, que iam decorrer os 12 meses plenos do seu Noviciado.

Através dos seus cadernos de notas, podemos descortinar o que se passa naquela alma generosa. Não só conservou cuidadosamente esses cadernos durante os 44 anos de sua vida religiosa e sacerdotal, mas, em muitos pontos, anotou-os e corrigiu-lhes o português, em que entrava aqui e ali um ou outro galicismo. Donde se vê a importância que atribuía ao Noviciado, ano decisivo na vida de todo o religioso.

As primeiras notas referem-se ao retiro sacerdotal de 2 a 8 de Maio de 1899. A nota dominante dessas resoluções é a humildade.

Na XI Conferência diz assim: «Até aqui eu via o Sacerdócio por um lado belo mas falso: impecabilidade, vida gloriosa, cheia de honras humanas; agora saberei que para ser Padre devo sacrificar-me em tudo.» E segue-se logo a resolução: «Humildade profunda e imolação completa.»

O último propósito, depois de considerações repassadas de humildade, reza assim: «Como recordação perpétua deste retiro fica-me a devoção a Jesus Crucificado que é o mais vivo modelo de dedicação e imolação. Todos os dias,

antes de deitar-me, olharei para o Crucifixo e perguntar-me-ei: hoje houve alguma coisa em que me tornasse semelhante a Jesus?»

Sigamo-lo agora durante o retiro, chamado do começo do Noviciado, se bem que para ele fosse o do meio. Foi de 21 a 28 de Setembro do mesmo ano.

Na IV Meditação sobre o pecado do Padre, depois de ter tomado as notas com um cuidado em que se vê claramente a sua alma sacerdotal amante de Jesus, conclui com esta aspiração: «Meu Deus, dai-me estes sentimentos — trata-se de horror ao pecado e contínua reparação! — Que eu seja generoso a sacrificar-me agora por Vós, como fui até aqui grande pecador!»

As almas, quanto mais puras, mais pecadoras se julgam. Uma nódoa que em roupa suja mal se nota, salta aos olhos de todos quando mancha uma roupa fina de seda branca.

Tomando notas sobre a oração litúrgica, conclui: «O Ofício Divino é também um sacrifício. As palavras são a vítima, o sacerdote é o mesmo Cristo na pessoa do Seu Ministro, na pessoa do representante da Igreja. Qual não é, pois, a minha dignidade quando recito o Santo Breviário! Mas, miséria! Quanto distam as minhas disposições das verdadeiras que aí me deviam assistir, já como futuro Padre, já

como futuro religioso! Como deveria ser a voz da natureza inteira, cantando a glória ao seu Deus! Assim não passo de uma máquina de produzir palavras! Com a graça de Deus, estarei daqui em diante mais atento.»

Ao terminar as notas sobre a união com Deus levanta os olhos para o alto: «Meu Jesus, fazei-me compreender o vosso amor! Dai-mo, e que nele viva sempre até à morte. Vós sois o meu único amigo!»

A respeito da devoção a Nossa Senhora, pela primeira vez se encontra na XII Conferência o modo como o P. Monte gostava de A tratar: «A Boa Mãe!» Será por não ter gozado a ternura da mãe natural que ele com tanta fala da Mãe Celeste? Nada custa a crer.

Escreve ele: «Oh! Quanto devo a esta Boa Mãe! Como Lhe pagar tanto? Amando-A muito, procurando viver sempre sob as asas da Sua maternal protecção e ensinando particularmente aos pecadores os carinhos do Seu amor e quanto é digna de ser amada por nós!»

Muitos dos que lerem estas linhas serão testemunhas de como esta resolução foi constantemente cumprida. Em algumas passagens de cartas, mais adiante publicadas, ver-se-á que o P. Monte foi toda a sua vida a mesma alma de filho muito amante da Boa Mãe.

Todas as reflexões pessoais feitas pelo piedoso noviço, durante o Retiro de Conversão, de

22 de Novembro a 1 de Dezembro de 1899, mereciam ser publicadas para nos edificarmos ao sentir vibrar a sua alma leal a Deus. Só quer conhecer a vontade do Senhor para logo a abraçar incondicionalmente!

Contentamo-nos, porém, em oferecer aos leitores a última dessas reflexões: «Que me disse Jesus?... Coisas muito lindas... Jesus disse-me que de facto me tinha chamado a dar-Lhe glória pela salvação da minha alma e de muitas outras que Ele quer salvar por meu intermédio. Disse-me ainda que eu seria missionário na medida em que for bom noviço; que o meu programa de agora deve ser entregar-me à Sua Divina Vontade, cumprindo o regulamento em toda a extensão da sua letra e espírito. Devo procurar, para tanto, a força na Santíssima Eucaristia e, quanto ao futuro, farei o que eles — os Superiores — me disserem.»

E termina por uma reflexão onde reconhecemos o P. Monte tal como foi a sua vida: «Mas o que acontece? Vem a tarde, a fadiga do corpo, mais o frio que então fazia à grande, fora da capela, mais o enfado de haver embrulhado ponto do regulamento, enfim, tudo isto fez-me nascer tal indisposiçãozinha que recitei duma maneira bárbara o pobre do Ofício Divino. E então colhi mais uma lição muito bem compreendida nestas palavras: *si quis vult post me venire*... etc.. Oh! Sim, é pelo sofrimento,

pela abnegação, que me santificarei e adquirirei muitas almas para Jesus!»

A PROFISSÃO A alma do nosso noviço estava perfeitamente bem preparada para a Profissão Religiosa. Reconhecidíssima para com Deus por tantos benefícios recebidos, repassada de humildade verdadeira, entregava-se nas mãos de Deus e da Congregação, alegre por poder trabalhar na santificação da sua alma e na salvação das almas pecadoras.

Fez a Profissão na casa de Noviciado de Grignon, no dia de S. José, seu Padroeiro, a 19 de Março de 1900. Não chegaram até nós os sentimentos que animaram a sua alma no momento solene da sua entrega a Deus. Mas, decerto, não deixou de vibrar de entusiasmo e gratidão, ao ver-se eleito do Senhor.

CHEVILLY Após a Profissão passou para o Escolasticado—Seminário Maior—em Chevilly, a 5 Km. apenas de Grignon. Aí passou alguns meses a preparar-se para receber as Sagradas Ordens de Diácono e Presbítero e, com certeza, aí repetiu a Teologia e fez exame de jurisdição.

No Domingo da Santíssima Trindade era ordenado Diácono por Mons. de Courmont, Vigário Apostólico de Zanzibar. A cerimónia efectuou-

-se na Capela do Carmelo da Avenida de Saxe, em Paris, onde Sua Ex.ª Rev.ma tinha sido convidado a conferir a Ordem de Presbítero a um beneditino, irmão de uma religiosa, o Rev. P. Mayol de Lupé, da Abadia de Ligugé.

ORDENAÇÃO SACERDOTAL

Pouco tempo depois, a 8 de Julho de 1900, era ordenado de Presbítero, em Chevilly, por Mons. Le Roy, Bispo titular de Alinda e Superior Geral da Congregação durante 30 anos: de 1896 a 1926. Era o V Superior Geral da Congregação e o mais notável depois do Venerável Libermann. Figura extraordinária de missionário na Índia, em Zanzibar e mais tarde, durante poucos anos, no Gabão francês, como Vigário Apostólico.

O P. Monte não deixou notas nenhumas com as disposições íntimas da sua alma no dia da Ordenação Sacerdotal. É pena, pois poderíamos assistir à vibração da sua alma de escol que há-de ter estremeçido de reconhecimento, ao sentir-se ministro do Altíssimo. Subindo ao altar pela primeira vez, não é difícil conjecturar os pensamentos em que se abismava a sua alma. Estão expressos no seu retiro sacerdotal: «Que santidade para ser sacrificador!... É preciso a santidade para tratar tão de perto com Deus.»

CONSAGRAÇÃO AO APOSTOLADO

Antes de largar à conquista das almas, os padres novos consagram-se ao Apostolado das almas abandonadas. É sempre uma cerimónia comovente. Os jovens sacerdotes, a sorrir e a cantar, dizem adeus à terra natal, aos pais e amigos, entregando-se à conversão dos infiéis para toda a vida. Se algum chora é porque foi escolhido para ficar na Europa a formar novas levas de apóstolos.

Se muitos rapazes que desperdiçam a mocidade à procura de alegria, assistissem a esta cena emocionante!... Veriam jovens, como eles, revestidos de carácter sacerdotal, a cantar cheios de entusiasmo, diante das Missões que os esperam:

Adeus, irmãos, p'ra longe os vossos prantos.
É de ventura e paz nossa missão:
Ir dilatar a Comunhão dos Santos,
Trazer a Deus mais filhos, que são tantos
Os que inda estão na escuridão!

Vamos que é para a Felicidade,
É para a Vida o nosso labutar:
Vida divina, infinda caridade,
Por nossas mãos, por sobre a Humanidade
Vai a baixar para a salvar.

Somos soldados: Pátria nossa, a Igreja
P'ra nós apela, de almas sede tem:
Ela quer filhos, com ardor deseja
Que engrandecido Deus na terra seja,
O Lar, o Bem, que ela cá tem.

Vamos, irmãos, p'ra a vida, p'ra a alegria,
Para onde a Graça, o Amor chove do Céu,
P'ra donde fogem trevas, nasce o Dia!
Da Salvação a Estrela já alumia:
Rasgue-se o véu que esconde o Céu!

E o coro dos que ficam, num grito de saudade, a responder:

Adeus, irmãos, adeus!
Decerto é só no Céu
Que nos hemos de ver.
Juremos hoje a Deus
Fiéis permanecer,
Fiéis até morrer.
Adeus, irmãos, adeus!...

Foi ainda em Chevilly, na festa da Dispersão dos Apóstolos, três dias após a Ordenação Sacerdotal, que o P. Monte fez a Consagração ao Apostolado. Com ele se consagraram à salvação dos infiéis mais 24 jovens, dois dos quais portugueses: os Padres Jerónimo de Almeida e Joaquim Pereira.

Presidiu à cerimónia o grande missionário Mons. Le Roy, que dirigiu aos missionários uma tocante alocução de que extraímos alguns passos:

«Meus queridos Padres,

«Eis-vos chegados ao dia há tanto tempo previsto, dia ardentemente desejado e em vista do qual fizestes, talvez, sacrifícios que nunca vos esquecerão... e neste momento, em que ides partir por todos os caminhos do mundo, para nunca mais vos tornardes a ver senão no Céu, nós, os Superiores, os pais e parentes, os amigos, juntamo-nos todos, em volta de vós, para assistir à vossa Consagração, para juntar as nossas orações às vossas, para vos acompanhar, ao sairdes desta casa, que vos será sempre querida, com os nossos votos e as nossas esperanças.

«E, ao ver-vos assim, jovens e fortes, prontos a partir para todas as terras desconhecidas, para onde a Providência vos chama, nós, os que ficamos, vemos que o quinhão que Deus vos reparte é belo e naturalmente afloram aos nossos lábios as palavras que há pouco líamos na Missa da Dispersão dos Apóstolos: «quão belos são os pés dos que anunciam a paz»!

«Sim, a vossa vocação é bela! Renunciais livremente, na idade em que o mundo vos sorri,

a tudo o que seduz o homem, a tudo o que o prende, renunciais a tudo para vos dardes a Deus e servir a Igreja na vanguarda das suas fileiras.

«Colocai-vos, deste modo, acima das preocupações egoístas, vantagens materiais, descanso e sensualidade, prazeres e honras; acima das legítimas satisfações com que o Padre pode contar no exercício do ministério na sua terra; acima da certeza que a vida de comunidade dá ao religioso para a sua própria salvação. Dizeis: sou chamado a trabalhar no meio dos selvagens mais abandonados, o meu lugar é lá, parto...

«A beleza da vossa vocação! Sois os enviados de Deus. O primeiro missionário foi Jesus Cristo. Descido à terra para se pôr ao alcance do homem e levá-lo para o Céu, podia ter ficado entre nós até ao fim do mundo e, através dos séculos, procurar cada povo no canto da terra onde vive para lhe anunciar a boa nova da salvação.

«Preferiu, porém, o Senhor associar os homens a esta obra de evangelização dos seus irmãos e foi por isso que fundou a Igreja, foi por isso que enviou os Apóstolos e é por isso que vos chama! Sois outros Cristos; encarregados da mesma obra, tendes a mesma autoridade, o Salvador vive em vós.

«A Missão da Igreja é dupla: guardar e propagar a verdade religiosa no mundo, guardar e propagar a vida sobrenatural nas almas. Entrais

hoje nesta missão, meus caros padres, e convosco louvamos a Deus!

«(...) Sim, são belos os pés dos que vão continuar por toda a terra a nobre missão de Jesus Cristo; são belas as mãos dos que vão trabalhar para levantar altares a Deus onde Ele é desconhecido; são belos os lábios que se vão abrir para dar às almas a vida e a verdade sobrenaturais!

«(...) Se quiserdes indicações apropriadas à situação especial que vai ser a vossa, dar-vo-las-ei: durante toda a vida procurai ter a firmeza de um homem, a regularidade de um religioso e o zelo de um apóstolo.

«(...) Ó missionário, segue o teu caminho, aconteça o que acontecer, e que as bênçãos de Deus por toda a parte acompanhem os teus passos!»

CAPÍTULO IV

Primeiros Trabalhos

PROFESSOR NA FORMIGA

Em 1894, os Padres do Espírito Santo fundaram, perto de Ermesinde, um Seminário de preparatórios, com o fim de formar missionários portugueses para as nossas Colónias. Alugaram para tal efeito o antigo Convento dos Agostinhos, da Quinta da Formiga, que já servira para Colégio, dirigido a princípio pelo Dr. Cosgaya e, mais tarde, pelo Dr. António de Castro Meireles, depois Bispo do Porto. A 16 de Janeiro do ano seguinte, o Governo cedia aos Padres a vasta igreja de Santa Rita, anexa ao Convento.

O Seminário abriu com 30 alunos, apenas. No ano imediato, porém, já contava mais de 50, número que se manteve mais ou menos estacio-

nário até 1905. Neste ano subiam a 83 os aspirantes à vida missionária.

Para a formação intelectual quanto possível completa dos alunos, instalaram-se gabinetes de Química e Física e plantou-se um jardinzinho botânico, onde não faltava a estufa para as plantas mais delicadas.

Foi este alfobrezinho de vocações missionárias o primeiro campo de trabalho do P. Monte que aí passou quase dez anos.

Veio directamente de França sem passar pelos Açores, fazendo assim o sacrifício de adiar a primeira Missa na terra natal.

Só três anos mais tarde, nas férias de 1903, teve a alegria de subir ao altar-mor da igreja de S. Jorge, na Vila de Nordeste, para cantar missa em presença do pai, da mãe adoptiva, dos irmãos e de toda a família. A mãe que o gerara assistia lá do Céu ao Sacrifício Eucarístico do filho, a quem dera a vida à custa da própria. Que glória para ela! Como terá louvado a Deus, em acção de graças, por mais este benefício!

Os anos que passou na Formiga foram agitados e trabalhosos. Logo em 1901, quando da campanha contra as Ordens Religiosas, o «Seminário foi alvo da má vontade e das acusações da Maçonaria. Dada a sua imprescindível necessidade, nunca o fecharam, apesar de três

visitas de inspecção feitas por ordem do Governo» — como assevera Fortunato de Almeida.

O povo, isento dos ódios e preconceitos das lojas maçónicas, amava os Padres e frequentava assiduamente a igreja do Seminário. Acorriam de todos os lados consciências carregadas à procura de alívio e almas generosas à busca de um apoio para novas ascensões. Algumas pessoas chegaram mesmo a vir do Porto para apreciar o brilho das cerimónias litúrgicas e sobretudo para se deliciarem com o Canto Gregoriano!

Sob a hábil direcção do P. Monte constituiu-se a Confraria do Menino Jesus de Praga, para acender nos corações a devoção à Infância do Salvador. Os associados, que em 1906 eram apenas 500, elevam-se a 10.000 em 1909.

Durante os anos que passou na Formiga, entregou-se sobretudo ao ensino e, nos últimos anos, ao economato.

Deu aulas de Catecismo, Português, Literatura e Latim. O Latim era a disciplina predilecta a que consagrava o melhor da sua inteligência. Esta língua, a princípio tão aborrecida e difícil para a maior parte dos alunos, tornava-se interessante nas mãos do P. Monte. Os discípulos ainda hoje se lembram, com saudade, dessas aulas amenas em que professor e alunos se amavam, estudando, não por constrangimento, mas sim por gosto de saber.

As aulas ocupavam-lhe quase todo o tempo. Por isso, além das práticas mensais tão apreciadas pelos associados do Menino Jesus, pouco pregou nesses anos da sua vida sacerdotal. Contudo, de vez em quando ia já desferindo os primeiros voos na oratória sagrada, por meio da qual, mais tarde, tanto bem havia de fazer às almas.

No *Serrasqueiro*, poema herói-cómico de um dos seus alunos de Literatura, alude-se com carinho ao talento do P. Monte como pregador. Nesse poemeto inédito, o brasileiro P. Manuel Alencar descreve a *luta ingente* que teve de travar com o *grande paladino das matemáticas*, o *Serrasqueiro*, a quem atribui todos os males da sua vida. Esse feiticeiro maldito, que lhe roubara a paciência nos bancos do estudo, seria o culpado da sua prisão no forte de Caxias e da pena de exílio de 1910!...

É no Canto III que fala do P. Monte pregador em certa festa realizada na Formiga. Eis alguns versos dessa descrição encantadora em que parece estamos ainda a ouvir o repique dos sinos da igreja do convento:

É dia santo, é dia santo,
Diz, cantando, o carrilhão,
Há Missa e canto, há missa e canto,
Há Missa e canto e há sermão!

Ai lindos cantos, linaos cantos
Tanto alegram o coração !
É um doce encanto, santo, santo,
Ouvir cantar o carrilhão...

Ai, vinde todos, vinde, vinde,
Ouvir a Missa e o sermão,
Que o P. Monte, o P. Monte,
E' pregador de profissão !

Ai linda festa, ai linda, linda,
Diz, cantando o carrilhão,
Isto é que é festa, ai não como esta
Outra não há, isso é que não !

Ai lindos cantos, lindos, lindos,
Tanto alegram o coração :
Ai que doçuras puras, puras,
Que de encantos não nos dão !

Em todos os versos transpira o bom espírito dos alunos do Seminário Apostólico da Formiga: bom espírito feito de paz de consciência, amor ao estudo e aos professores que ali ensinavam.

Não são testemunhas deste bom espírito só os Padres do Espírito Santo que ali estudaram. São-no também bastantes Padres seculares e bastantes leigos que ali principiaram a sua formação e muitas vezes se têm reunido lá mesmo

para matarem saudades dos felizes anos que lá passaram.

ECÓNOMO O P. Monte foi durante bastantes anos ecónomo da Formiga. Era muito poupado, não só por virtude, mas também por necessidade, pois os rendimentos eram poucos.

Os alunos dos Colégios do Espírito Santo de Braga e de Santa Maria do Porto e do Instituto Fisher de Ponta Delgada, que desde a reorganização da Província (1919) tanto nos têm ajudado, gostarão talvez de saber que os rendimentos dos três Colégios eram empregados, em parte, na formação dos Padres do Espírito Santo na Formiga.

Com os poucos rendimentos de que dipunha, o ecónomo alimentava e vestia as dezenas de aspirantes ao Sacerdócio que contava o Seminário e reparou algumas deficiências do velho convento, adaptando-o às necessidades do momento. Arborizou os terrenos mais fracos da quinta e, no intuito de fornecer à comunidade todo o vinho e água de que precisava, plantou mil pés de vinha e aprofundou os poços começados há muito.

A função de ecónomo compreende, além da administração temporal da comunidade, a di-

recção dos irmãos leigos tanto no espiritual como no temporal. Não é dos cargos mais fáceis, sobretudo para um temperamento nervoso como o do nosso biografado.

«Fui ecónomo quatro anos — diz-nos — e de tudo experimentei... Afirmo-vos, porém, que também encontrei entre os Irmãos quem soubesse ser obediente, respeitador dos seus superiores e ver a Deus neles, sempre e em todas as situações da vida! A glória de um tal Irmão será grande no Céu: Eu vo-la desejo!...»

Através do retiro pregado aos Irmãos de Sintra nos fins de 1910, vemos a grande preocupação do P. Monte: fazer compreender aos Irmãos a dignidade da sua vocação e inculcar-lhes humildade, espírito de fé e desapego das coisas materiais.

Os Irmãos auxiliares, embora não possam celebrar, pregar, administrar os Sacramentos, cooperam eficazmente na Obra da salvação das almas. «São Jesus de Nazaré ao lado de Jesus das montanhas da Galileia» — para nos servirmos das suas próprias expressões. Ajudando o apóstolo, terão a recompensa do apóstolo.

Ao fundamentá-los na humildade e espírito de fé, diz-lhes: «Donde procede o orgulho de alguns? Ah! diz aqui um com ar de gozo: se a Congregação fosse a pagar o serviço que lhe presto... nem com dez contos!

«E é certo que o vosso serviço vale sempre

tanto? Às vezes sim. De facto, um Irmão humilde é um tesouro; mas então já não vale dinheiro, vale o sangue de Jesus Cristo! Como esperar agradecimentos da Congregação, se a Congregação somos nós todos? Não: quem paga é quem contratou; quem contratou foi Deus!...»

Quando os exorta ao desapego das coisas materiais, narra-lhes o seguinte: «Conheci, quando ecónomo, um excelente Irmão que, apesar do seu bom espírito, tomou tal apego por umas galinhas que por três ou quatro vezes me vi forçado, para o não desgostar, a mandar comprá-las fora, quando as tinha em casa. Uma galinha estava a pôr, outra havia de pôr daí a dois meses e os frangos eram de qualidade tão boa e estavam a crescer tanto, tanto que era mesmo um crime matar um!...»

E acrescenta: «Eu não queria fazer-vos a injúria de cuidar que trazeis o coração apegado a qualquer insignificância material: uma gravata de cor, um chapéu da moda, umas botas de chiadeira ou, como diz Rodrigues de certo religioso que vivia tão apegado a um gato que preferiu abandonar a vocação a desengatilhar-se de tal bichano!»

* * *

MESTRE DOS NOVIÇOS

Como escreveu o P. Botelho das Furnas, «a acção e prudente zelo do P. Monte impuseram-se de tal forma

aos Superiores da Congregação que acabaram por nomeá-lo Mestre dos Noviços clérigos». Era em Sintra que se encontrava o Noviciado dos clérigos, ao lado da Escola Agrícola para formação de Irmãos leigos.

Nomeado pelo Superior Geral a 20 de Setembro de 1910 para substituir o P. Cardona que fora nomeado Director do Seminário Maior de Carnide, poucos dias esteve no exercício de tal cargo. Com efeito, na manhã de 4 de Outubro começou a ouvir-se o troar persistente de canhões para os lados de Lisboa. No dia imediato era proclamada a República e içada por toda a parte a bandeira verde-rubra que em Sintra foi acolhida com entusiasmo delirante.

PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

No dia seguinte, o Administrador de Sintra, nomeado pelo novo Governo, vinha indagar se era ou não verdade que os padres possuíam para cima de 10.000 espingardas e 2 metralhadoras!!!

De tarde voltou, acompanhado de cinco ou seis pessoas, para fazer uma busca em regra. Depois de visitar tudo, iam a retirar quando chega de Lisboa um bando de soldados, civis armados e quatro ou cinco correspondentes dos piores jornais da capital para averiguar até que ponto o convento estava armado. Não houve canto da casa que não fosse revistado. Vendo

que não descobriam nada, retiraram dando vivas à República!...

Quando tudo parecia terminado, soube-se que mais de 400 pessoas tinham partido de Cascais para Sintra com a intenção de queimar a casa, matar o Núncio Apostólico que lá se encontrava e os Directores. O Administrador de Sintra, homem honesto e amigo da Congregação, ao saber disto, partiu de automóvel ao encontro dos exaltados e conseguiu que desistissem do intento.

Nesta conjuntura, o Superior do Seminário, Rev. P. Labrousse, mandou dispersar o pessoal. Pouco depois era chamado por Afonso Costa que o intimou a sair imediatamente de Portugal, declarando que o Governo ficava *possuidor de boa fé* — segundo a expressão do próprio Ministro! — da propriedade de Sintra até à sua liquidação.

À ordem de dispersão, cada qual se retirou para a casa paterna, passando todos, no entanto, pela Administração de Lisboa. No trajecto — como não podia deixar de ser! — foram vilmente insultados e apoucados pela gentalha sectária.

EM FERMENTELOS — O P. Monte dirigiu-se a Fermentelos para casa da família do grande amigo da Congregação, Rev. Cónego José Nunes Geraldo. Aí passou vários meses, ajudando o Sr. Prior na pastorea-

ção da paróquia. Deixou gratas recordações em todos aqueles que beneficiaram do seu ministério ou viveram no seu convívio. Ouçamos a tal respeito o Sr. Cónego Geraldo, actualmente Arcipreste de Aveiro e pároco de uma das freguesias da cidade:

«Para os meus de Fermentelos, para mim e para todos os daquela freguesia e das vizinhas, por onde andou naqueles tempos tormentosos, ele foi e é tido como um *santo*. Fez ali muito bem. A sua acção benéfica ainda perdura. A sua pessoa, as suas maneiras, as suas conversas são recordadas com saudade e com vontade ainda de se renovarem os santos propósitos que produziam nas almas de mais piedade e santidade».

NA BÉLGICA

Vendo que as coisas não melhoravam em Portugal, tomou o caminho do exílio, como já o haviam feito muitos dos seus confrades. Em Agosto de 1911, fazia os exercícios espirituais no Seminário de Chevilly, seguindo depois para a Bélgica.

Foi colocado provisòriamente em Gentinnes, onde ministrou o ensino, durante alguns meses, aos seminaristas portugueses da Congregação que o cataclismo de 1910 arremessara para o estrangeiro. Ensinou aos heróicos exilados as disciplinas que o programa francês não incluía, principalmente a Literatura portuguesa.

CAPÍTULO V

Missionário no Congo

A supressão das Ordens Religiosas, decretada pelo Governo da República, foi de graves consequências para as Missões de Angola, onde trabalhavam os Padres do Espírito Santo. A Província Portuguesa da Congregação estava então em pleno desenvolvimento. Dentro de poucos anos, esperava-se prover Angola de número considerável de missionários portugueses, que pudessem civilizar e cristianizar essa vasta província do Império. Talvez hoje pudéssemos dispensar a cooperação de missionários estrangeiros, se não fosse esse golpe profundo que longos anos ficou a sangrar.

Após a revolução, esperava-se que o novo Governo estendesse às Colónias o regime de destruição adoptado no Continente. Com admi-

ração de todos, porém, assistia-se à política ilógica de querer manter as Missões, estancadas as fontes que as deviam alimentar. Reconhecia-se assim o valor altamente patriótico da obra missionária; embora o ódio sectário do partido reinante não pudesse tolerar na Metrópole as casas de formação.

Quando se verificou esta atitude incoerente do Governo, começaram a partir para Angola vários Padres e Irmãos que, dadas as circunstâncias do momento, não eram necessários na Europa. Entre eles foi nomeado o nosso biografado para as Missões do Congo português.

EMBARCA PARA LÂNDANA

O P. Monte embarcou no Havre, a 15 de Outubro de 1912, com rumo ao seu novo campo de apostolado. Ia realizar-se o sonho da sua mocidade. Podia gastar-se pela conversão da pobre raça negra!

Já em 1910, pregando aos Irmãos de Sintra, deixara transparecer as aspirações da sua alma: «Suponho, a começar por mim, que não há um só dos que me ouvem, cuja vontade não esteja plenamente resolvida a partir para a África, ao mais leve sinal dos Superiores. Falo assim e talvez a esta hora esteja resolvida a minha partida, pois não há muitos dias perguntaram-me sèriamente se iria para lá com gosto. A respos-

ta foi que nunca me julguei padre da Congregação para outro destino».

Não era o mistério da selva que o fascinava, mas o amor de Deus e das almas. Bem sabia que teria muito a sofrer. «Quem ignora — escreve — que na África há mais a sofrer do que aqui na Europa? É que na África, na pobre África pagã, tudo é mais caro... As almas ficam lá por mais alto preço».

De maneira nenhuma partilhava a ideia de que ir para as Missões é um castigo. «Ir para a África — diz-nos — é castigo só para aqueles que partem não levando o amor de Jesus consigo; ou, tendo-o levado, o diabo lho arrancou do coração».

Chegado às Missões, foi colocado em Lândana, a mais antiga Missão dos Padres do Espírito Santo em terras portuguesas. Datava de 1873, contando já bom número de cristãos, Seminário menor e Internato para a formação de Catequistas. Era também a sede da Prefeitura Apostólica do Congo, à frente do qual se encontrava o Rev. P. José Magalhães.

Além do ministério exterior, o P. Monte foi nomeado professor do Seminário, ecónomo da Missão e pouco depois ecónomo da Prefeitura. Foi em circunstâncias críticas que teve de desempenhar-se dessas múltiplas funções.

Embora as coisas estivessem a melhorar,

sentia-se ainda a influência nefasta da proclamação da República. Alguns seminaristas haviam abandonado a vocação; os internos tinham passado de 220 para 130, à força de ouvir os brancos repetir que já não eram precisos nem padres nem religião. Daí a pouco ia rebentar a guerra de 1914 que tantas dificuldades traria à vida missionária.

A todos estes obstáculos levantados à difusão do Evangelho, veio juntar-se o aparecimento de um novo credo feiticista. Quem abraçava esse novo culto devia queimar todos os feitiços e tomar certa bebida chamada Ngonima. Nestas duas práticas consistia toda a religião. Como era fácil praticá-la, teve naturalmente muitos adeptos, tanto mais que teria de afastar-se do convívio dos *puros* todo aquele que recusasse abraçá-la.

Em todas as circunstâncias, o P. Monte revelou-se homem à altura: religioso exemplar e zeloso missionário!

Logo a 26 de Agosto de 1913, foi nomeado Vigário Geral e II Assistente do Prefeito Apostólico. O outro Vigário e I Assistente era o então P. Faustino Moreira dos Santos, que sucedeu ao Rev. P. Magalhães no governo da Prefeitura. Ainda nessas funções o foi encontrar a nomeação para Bispo de Cabo Verde, após o Acordo Missionário de 1940.

O P. Monte foi durante muito tempo Supe-

rior da Missão de Lândana. Além do serviço interno, saía muitas vezes a visitar as escolas do mato à procura de almas para Cristo. Estava convencido de que, sem excursões apostólicas, as cristandades voltam fàcilmente às práticas gentílicas e cai por terra todo o edifício espiritual.

Os catequistas que estão à frente dessas escolas, se não forem vigiados e amparados frequentemente pelo missionário, pouco ou nada fazem. Não têm a formação necessária e sobretudo uma dose forte de vontade para perseverar na tarefa árdua e abnegada de evangelizar os conterrâneos. Repreendidos pelo magro resultado obtido, desculpam-se com estas e semelhantes evasivas: «Ah! Senhor Padre, aqui há muito trabalho e muito difícil: esta gente custa-lhe muito a compreender as coisas: por pouco escaparam de ser animais!»

N O L U Á L I Em meados de 1920, o P. Monte era incumbido de missionar a região do Luáli. Ia substituir o P. Pintassilgo que avançara para o interior, a fim de escolher o local para a fundação de novo posto missionário. É acerca dessa transferência que o P. Monte escreve com certa graça, em fins de Dezembro de 1921: «Estou à frente deste recanto há 18 meses; pastoreio uma área de 5 léguas que percorro a cavalo,

cada mês, sem falhar; conheço as minhas ovelhas, os meus cordeiros e também os lobos, cabritos e mais bicharia danhinha que por aqui não falta.»

A Missão do Luáli, embora muito antiga, poucos frutos tinha colhido, devido, em grande parte, ao terrível Manhema que o P. Monte classifica como «o mais absoluto, mais velhaco e sagaz preto que o Congo jamais produziu. «Após a morte dessa ilustre personagem, ocorrida em 1910, a Missão começou a tomar novo desenvolvimento.

A acção do P. Monte nessas paragens não deixou de ser fecunda e benéfica. Fundou 4 escolas na planície do Ndingi, que se tornaram desde logo muito florescentes. Foi, em grande parte, devido à boa vontade dessas cristandades em flor que teve a consolação de reunir mais de 500 cristãos e catecúmenos na festa do Natal de 1921. O seu coração de missionário experimentou, nesse dia, uma das maiores alegrias, como nos refere em artigo publicado na Revista «Missões de Angola e Congo.

«Consolações — escreve ele — também as há nascidas da própria seara onde lidamos, como pelos caminhos de resteva, depois da ceifa, aparecem papoilas, saudades, malmequeres e outros mimos do campo! Garanto ao leitor que no santo dia de Natal, quando, acabada a se-

gunda Missa solene, às 10 horas da manhã, contemplava no pátio da Missão mais de 300 crianças, em buliçosa alegria, disputando os prémios no jogo da cabra cega, senti uma consolação que não se descreve porque não se pode descrever!

«A consoladora esperança de que todos eles, num amanhã que não virá longe, hão-de detestar a condição tristíssima de servos do demónio em que nasceram, bendizendo, no mesmo impulso de amor, a Religião que os remiu e Portugal que os civilizou. Nem outra coisa significava a bandeira da Pátria hasteada no meio das pobres crianças: parecia contemplá-los, sorrir-lhes e acolhê-los debaixo da sua meiga e carinhosa sombra!».

Havia muito que a Missão do Luáli evangelizava a região do Maiombe. Faltava, porém, a continuidade de acção para que esses esforços surtissem todo o efeito desejado.

A 23 de Fevereiro de 1920, o P. Pintassilgo parte do Luáli para fundar uma Missão nessas paragens. Atravessa o território em todas as direcções à procura do local apropriado. A escolha recaiu num ponto central de toda a região, situado numa planície relativamente alta, bem arejada, fértil e abundante em água.

Principiaram-se os primeiros trabalhos de arroteamento, plantação de campos e construção de casas provisórias. Tudo parecia bem encami-

nhado quando um obstáculo relativo à concessão dos terrenos veio suspender os trabalhos durante longos meses.

NO MAIOMBE Feita justiça aos missionários, foi a Missão inaugurada a 25 de Fevereiro de 1922. Ficou dedicada ao primeiro missionário português em terras Africanas, o grande S.to António de Lisboa. Presidiu à solenidade o Prefeito Apostólico, Mons. Faustino Moreira, acompanhado do P. Monte. Ficou este Superior na nova Missão, substituindo assim o P. Pintassilgo que partia para a Europa a retemperar as forças.

O P. Monte continuou activamente as instalações provisórias — armazém, dormitório para rapazes, capela e outras casas de menos importância. Inaugurou o Internato para a formação de Catequistas com 10 alunos da região que dentro em breve subiam a 35. Arroteou novos campos e procedeu ao delineamento oficial do terreno, enquanto as serras braçais iam, a passo lento, preparando as madeiras para as construções definitivas. Dificilmente se calculam as privações e trabalhos por que passou. Tudo era pobre e desconfortável. Os aposentos da Missão eram verdadeiras palhotas abertas a todas as intempéries do clima. As excursões apostólicas só podiam ser a pé, através de montanhas esca-

brosas, onde os caminhos, em muitos sítios, «só se passam de gatas ou a bordão, de empinados e escorregadios que são!»

A custo conseguia operários para os trabalhos que urgia fazer. «O indígena do Maiombe — como ele próprio nos conta — é essencialmente preguiçoso, avarento, ladrão, interesseiro e mentiroso, para não dizer mais».

A actividade do P. Monte, em clima tão depauperante, esgotara-lhe as forças. Sentia necessidade de repouso na Europa, mas só se atreveria a partir, como escreveu a Mons. Alves da Cunha, «caso não surja nenhum inconveniente nocivo a estas missões por cujo bem estou disposto a sacrificar-me inteiramente.»

PRO-PREFEITO APOSTÓLICO

Em princípios de Maio de 1923, o Prefeito Apostólico, Mons. Faustino Moreira, veio à Europa tomar alguns meses de merecido repouso. O P. Monte, na qualidade de Vigário Geral e primeiro Assistente, teve de abandonar a querida Missão do Maiombe e de instalar-se em Lândana. Aí ficou alguns meses, dirigindo os negócios ordinários da Prefeitura e despachando a correspondência oficial. A sua modéstia sofria do posto que ocupava; julgava-se indigno e incapaz de o desempenhar cabalmente. Em quase todas as cartas que escreve aos superiores, pede des-

culpa de qualquer erro devido à sua falta de experiência ou de qualquer acto de autoridade fora da sua órbita. Era assim a alma do P. Monte: «Modesto até quase ao excesso e despreocupado dos aplausos dos homens».

VOLTA A LISBOA Em Novembro enviou a Luanda o pedido de voltar à Europa a reparar as forças gastas no serviço de Deus e da Pátria. Em Maio seguinte, desembarcava em Lisboa. Por certo, não lhe passou pela mente que não voltaria mais às Missões das quais havia de falar com tanto amor durante toda a sua vida.

Se trouxe gratas recordações dessas paragens, também as deixou entre os nativos e entre os colegas de apostolado. Em crónica de Lândana de 1927, lê-se o seguinte: «Em 1924 deixou-nos o querido P. Monte, Vice-Prefeito, para tomar na Europa um repouso bem merecido, após longos anos de serviço. Sente-se muito a sua falta na Prefeitura e quereríamos muito recebê-lo de novo, mas os Superiores Maiores confiaram-lhe outras funções»...

CAPÍTULO VI

Pregador na América

VISITA AOS AÇORES

O P. Monte pouco se demorou no Continente a cumprimentar os confrades em religião. Seguiu para as ilhas a matar saudades da gente e terras açoreanas. Não voltara à pitoresca Vila do Nordeste desde 1903. Ainda havia de visitar mais duas vezes o Arquipélago: em 1932 e em 1937.

Estas viagens não eram de simples recreio. Não procurava só fortalecer a saúde; sabia aproveitar essa oportunidade para fazer propaganda das Missões e incitar as almas ao amor de Deus. Procurava tornar conhecidos dos fiéis o método de evangelização, as dificuldades a vencer e os resultados obtidos. Deste modo, atraía simpatias para a obra missionária e an-

gariava donativos abundantes que iam minorar a penúria perene dos missionários portugueses.

Numas férias de pouco mais de um mês — contou ele mais tarde — pregara cerca de 90 sermões, conferências e homilias, numa média de quase três práticas por dia.

A sua palavra apostòlicamente simples era acolhida com avidez por um auditório sedento da palavra divina. De várias pessoas que tiveram a felicidade de o ouvir, sabemos que os templos se enchiam literalmente quando pregava. As igrejas de Ponta Delgada, Ribeira Grande, Vila Franca, Nordeste, Furnas, Maia, Lomba da Maia, Ribeira das Taínhas, Remédios, S. Bárbara, etc. ouviram, várias vezes, os ecos de seu amor a Deus e às Missões.

Um colega e amigo do P. Monte afirma que «nos seus discursos doutrinários, em que muito se empenhava por chamar os fiéis ao amor de Deus, costumava ensinar esta quadra com insistência:

O meu amor é Jesus
E com isso estou contente.
O meu amor nunca morre:
Tenho amor para sempre!

Na viagem aos Açores em 1924, o P. Monte encontrou a família bastante reduzida. O pai havia falecido seis anos antes, a 19 de Março

de 1918, festa de S. José. Por certo, não deixou de ir rezar à beira da sepultura desse ente querido, pedindo a Deus o eterno repouso para a sua alma.

VIAGEM À AMÉRICA DO NORTE

O irmão, Manuel Pacheco Monte, havia partido, como tantos outros conterrâneos, à busca de fortuna nos Estados Unidos. Encontrava-se então em Stockton, na Califórnia. Os filhinhos não conheciam ainda o tio das barbas. Todos desejavam abraçá-lo, mas os negócios e as despesas da passagem eram um obstáculo sério ao cumprimento dessa aspiração. Resolveram, por isso, pagar-lhe a viagem até ao Novo Continente. Ao mesmo tempo que teriam o prazer do seu convívio, proporcionavam-lhe uma bela ocasião de retemperar as forças gastas no clima depauperante de Cabinda.

O povo açoreano, com escassos recursos industriais e comerciais, é naturatmente sonhador de grandezas e faustos para lá do Oceano que o aperta e isola do resto do mundo. Nos vastos continentes da América encontra extenso campo de acção, afirmando as suas inegáveis qualidades de trabalho, funda grandes colónias cuja população ultrapassa actualmente a do próprio Arquipélago. Dessa emigração resulta

o equilíbrio da população nos Açores e a entrada de muito ouro que vem beneficiar a economia local.

Ao chegar aos Estados Unidos, em Setembro de 1924, o P. Monte não se encontrou em País completamente estrangeiro. Nessas terras de sonho e grandeza, topou com muitas famílias que falavam a sua língua, professavam a mesma fé e nutriam no peito o mesmo amor e carinho pela Pátria distante.

Foi neste meio que começou a exercer o apostolado da palavra. Ainda no ano de 1924, além de alguns sermões dispersos, pregou duas missões de 15 dias cada uma.

A sua pregação simples e popular, colorida de imagens vivas e histórias atraentes, calava fundo nas almas crentes dos ouvintes. Era um açoreano, falando a açoreanos; um português, falando aos portugueses do grande Mundo. Pregava-lhes a sua crença e devoções, na língua que amavam, e na linguagem singela que compreendiam perfeitamente.

A sua memória privilegiada fornecia-lhe um sem-número de exemplos e casos interessantes que tornavam leves e graciosas as suas práticas. Da sua vida missionária no Congo Português tirava a maior parte dos factos e anedotas que amenizavam os seus sermões. Pelos apontamentos chegados até nós vê-se que

recordava com prazer esses tempos saudosos do apostolado no Ultramar português.

A pregação do P. Monte foi tão bem sucedida que alcançou licença dos superiores para ficar algum tempo no exercício desse ministério. Mais, conseguiu que fosse um confrade ajudá-lo nessa tarefa. Teve por companheiro, nessa jornada evangélica, o Rev. Dr. Clemente Pereira da Silva, mais tarde Provincial dos Padres do Espírito Santo e actualmente Conselheiro Geral da Congregação.

Pregou em diferentes lugares dos Estados Unidos, sobretudo nas colónias portuguesas da Califórnia. As várias paróquias açoreanas de Fall River, que contam mais de 30.000 insulares, foram também um dos principais centros do seu ministério.

Ao fim de dois anos passados na América, tinha pregado já em 21 paróquias diversas. Durante os três anos que lá esteve, de Setembro de 1924 a Setembro de 1927, pregou 29 sermões, num total de 43 semanas de pregação. Pregou ainda 31 sermões dispersos, em diferentes lugares e sob os mais variados temas.

OS SEUS SERMÕES

Qual o assunto preferido do P. Monte? As missões versavam naturalmente sobre as verdades eternas — morte, pecado, inferno, salvação, confissão — e abordavam de contínuo o Céu

e os meios para lá chegar — oração, Eucaristia, papel do sofrimento na vida cristã. Falava frequentemente dos deveres de estado — deveres dos casados, deveres dos pais e dos filhos, obrigação da Missa ao Domingo...

Muitas vezes levantava a voz, com entusiasmo, contra o respeito humano. Era essa praga que levava muitos a abandonar as práticas cristãs e a esquecer as verdades religiosas que aprenderam, ainda crianças, no regaço de suas mães. A vida fácil e o exemplo de indiferentismo em matéria religiosa ia arrastando muitos para longe da igreja e dos sacramentos.

Nos sermões de circunstância, tomava naturalmente o assunto que lhe pediam. Mas vê-se, com satisfação, que os açoreanos continuavam na Nova Inglaterra com as mesmas devoções que tinham nos Açores. O Senhor Santo Cristo, o Senhor Espírito Santo e Nossa Senhora, sob os mais variados títulos, eram os temas mais frequentes dos sermões.

No púlpito, aliás como em particular, o P. Monte não fazia alarde da sua pessoa. É ele mesmo que no-lo diz: «Sendo esta já a XXV semana de missão que prego na América, nunca me referi nem fiz apelo para a minha pessoa; faço-o hoje, no entanto. Conto 50 anos, 26 de padre, e destes passei 12 em África, terra da pobre e desgraçada raça preta. Não sou santo, mas juro-vos que nunca falei contra as minhas

convicções, nunca enganei pregando. É do inferno e do outro mundo que vos venho falar? Faço-o em nome da minha fé e profundamente convicto».

Às palavras o P. Monte juntava a oração e o sacrifício, ciente de que a parte humana é a mínima na obra da conversão. «Ah! quantas vezes — escreve — sentado no Tribunal da Penitência e vendo a indiferença com que o pecador olha para o seu pecado e como está resolvido a continuar a cometê-lo, ah! quantas vezes eu digo: oh! não, não são as palavras do sacerdote, em si, que convertem as almas, porque, se fossem, este ladrão do pecador mudaria de parecer, ao que para aqui lhe tenho dito»...

ENFERMEIRO DAS ALMAS

«Eu próprio sou testemunha, e nem por isso me julgo mais santo, de que, havendo Nosso Senhor de arrancar às garras do demónio, por meu intermédio, um ou outro pecador, me fez sofrer nas vésperas da conversão. Podia até contar-vos factos, mas não ouso»...

«O sofrimento, de qualquer natureza que seja, — escreve ele, noutro lugar — é a moeda preciosa com que resgatamos as almas, com que as iremos ganhando em todos os dias e horas. Sobretudo, os sofrimentos que nos nascem debaixo dos pés, que são fruto e consequência da

própria vocação. Que força não dá esta crença no valor do sacrifício! Como leva a aceitar gostosamente o que repugna à natureza!»

Com verdade escreveu o P. Botelho acerca da pregação do seu amigo: «Verdadeiro transmissor da graça, habilíssimo enfermeiro de almas, tinha o condão de tocar os corações e muitos foram os que à sua intervenção ficaram devendo o regresso à vida cristã. Orador discretamente popular, intentava sobretudo aquecer os corações no amor divino, levando o aperfeiçoamento crescente à prática da divina lei». . Só Deus conhece ao certo os frutos espirituais dessa jornada apostólica. Quantas almas ficaram devendo ao P. Monte o regresso aos deveres religiosos ou uma generosidade maior na prática da virtude!... Era com saudade que falava desse minisério que Deus abençoara!

Os resultados materiais também foram grandes. Com as economias do P. Monte e do seu companheiro, durante esses três anos de pregação, construiu-se o Seminário de Godim-Régua, para os primeiros anos de preparatórios. Esse Seminário, actualmente frequentado pelos pequenos do I ano, tem capacidade para abrigar mais de 100 alunos. Este auxílio material foi tanto mais apreciável quanto maiores eram as dificuldades com que lutava então a Província portuguesa dos Padres do Espírito Santo, em

plena tarefa de reconstrução, após a derrocada de 1910.

No meio das riquezas fabulosas da América, também não esqueceu a miséria dos pretinhos de Cabinda. Enviou para os antigos colegas de apostolado algumas esmolas e intenções de Missas e, por fim, obteve um automóvel para a sua querida Missão de Lândana. Prova inconfundível de que o seu coração continuava preso a essas terras abandonadas da vinha do Senhor!

CAPITULO VII

Apóstolo no Monte Pedral

SUPERIOR EM VIANA

Ao chegar da América, o P. Monte foi nomeado Superior do Escolasticado Maior dos Padres do Espírito Santo, em Viana do Castelo. A 24 de Setembro de 1927, festa de Nossa Senhora das Mercês, tomou posse dessa função, desempenhada pelo Rev. P. Provincial desde a partida do P. Cardona para as Missões de Malange.

O P. Monte fazia, todas as semanas, uma conferência missionária aos Escolásticos. Nessas palestras familiares, ia-lhes descobrindo o ministério da África e os meios práticos e eficazes do apostolado entre os infiéis. Não faltava, aqui e ali, uma história a propósito, que amenizava ao mesmo tempo que instruía. Em todas as suas

palestras sentia-se o amor que lhe ardia no coração por essas almas abandonadas. Era fogo que se desprendia dos seus lábios para abrasar aqueles jovens no ideal santo de alargar as fronteiras da Igreja.

Fundado há pouco, o Seminário de Viana debatia-se com grave crise financeira que lhe impedia tomar o desenvolvimento proporcional às necessidades das Missões. Sem recursos próprios, ia vivendo, a custo, do subsídio do Governo e das esmolas de algumas almas generosas. Diante desta difícil situação, o Rev. P. Provincial, Dr. Moisés Alves de Pinho, actualmente ilustre Arcebispo de Luanda, resolveu enviar para o Porto o nosso biografado.

NO PORTO Foi nos fins do ano escolar de 1928 que o Padre Monte partiu para o último teatro da sua acção apostólica.

Na capital do Norte, o P. Monte iria passar longos anos, fazendo bem às almas, mas sem esquecer o fim primário da sua estada ali. Prova disto é a maneira como cumpriu o desejo do Rev. P. Provincial. Durante muito tempo, conseguiu enviar dois mil escudos mensais para o Seminário de Viana, fruto de esmolas angariadas à custa de muita solicitude e delicadeza e do seu trabalho, nomeadamente da pregação.

A residência do Porto teria ainda outros fins

de grande alcance missionário. Serviria para hospedar os missionários de passagem, recrutar vocações missionárias, e possìvelmente para abrigar um seminário de vocações tardias.

Sendo assim, não é de estranhar que o P. Monte estivesse sempre preocupado com muito trabalho. Não era apenas capelão do Monte Pedral: era o benfeitor insigne do Seminário de Viana e o representante da Congregação no Porto!

NO MONTE PEDRAL

O Prelado da Diocese, D. António Barbosa Leão, ao saber que os Padres do Espírito Santo desejavam estabelecer-se no Porto, pediu-lhes que se fixassem no Monte Pedral. Ao tempo, essa zona pobre da cidade era pràticamente pagã. Muitos daqueles que conservavam ainda alguns sentimentos religiosos frequentavam os protestantes que há anos reinavam aí como senhores absolutos. O padre, se ousava aparecer, era insultado, o que aliás acontecia poucas vezes, visto não ser chamado, nem mesmo para assistir aos moribundos.

No dia 19 de Dezembro desse mesmo ano de 1928, o P. Monte recebia ordem de fundar imediatamente a Residência de Santa Teresinha no Monte Pedral. Era-lhe confiada, ao mesmo tempo, a pastoreação da Capela de Nossa Senhora da

Conceição que o Prelado estava construindo nesse local.

A Capela foi inaugurada pelo Sr. Bispo Coadjutor, D. António Augusto de Castro Meireles, que celebrou e pregou, diante dum reduzido grupo fiéis.

O P. Monte principiou desde logo a dar largas ao seu zelo apostólico.

No dia 25 escreve com entusismo: «Natal! Apesar de já ontem ter celebrado na nova igreja que a Divina Providência nos confia, foi hoje o dia da estreia. Celebrei as três missas — duas às 7 h. e a terceira às 10. Houve concorrência apreciável, sendo escutado ao Evangelho com bastante atenção e reinando grande alegria quando o Santo Menino foi dado a beijar. De tarde, às 3,30, Terço e Bênção solene, prática e beija-Menino. Parecia reinar grande entusiasmo na assistência. Digne-se o Divino Infante abençoar esta obra nascente».

NO PINHEIRO MANSO

A 4 de Fevereiro de 1929, realizou-se a mudança da Residência do Monte Pedral para a casa que gratuitamente ofereciam as Irmãzinhas dos Pobres na Rua do Pinheiro Manso.

Tudo era pobre! A capelinha particular foi inaugurada no dia 14, tendo a Ex.ma Senhora D. Maria José Pestana emprestado o altar para

esse efeito. A Missa foi celebrada pelo Rev. P. Provincial, assistindo o P. Monte, o P. Lage, que estava com ele havia dias, e algumas pessoas amigas.

No meio dos trabalhos da mudança, o P. Monte não esquecia o bem espiritual das almas que lhe estavam confiadas. Resolveu por isso pregar-lhes uma missão de oito dias. Começou no dia 17 de Fevereiro com a recitação do Terço e Bênção do Santíssimo.

«A missão do Monte Pedral — escreve — foi bastante concorrida, confessando-se nos últimos dias bastantes pessoas; comungaram no dia 24 cerca de 180 pessoas e à Bênção da conclusão assistiu muita gente.

Cremos que o bem feito às almas, sendo abençoado por Deus, produzirá bastantes frutos de salvação».

RUA DO MONTE ALEGRE

Como a residência do Pinheiro Manso ficava longe da capelania, foi alugada uma casa da Rua do Monte Alegre, que principiou a ser habitada no dia 1 de Maio de 1930. (O P. Lage, porém, continuou na antiga morada que só deixou a 19 de Junho). No dia seguinte celebrava, pela primeira vez, na capela da nova residência, acolitado pelo guarda-livros António Joaquim da Silva, da cidade do Porto,

que depois entrou na Congregação e é actualmente um missionário de valor na Huíla.

RUA NOVA DO REGADO

Não pararam por aqui as mudanças. Em Novembro realizava-se a compra da casa definitiva, situada na Rua Nova do Regado. A 6 do mês imediato «seguiam todos para a nova residência sob uma bátega de chuva». Era a imagem das graças divinas que o P. Monte havia de atrair do Céu sobre essa porção abandonada da vinha do Senhor.

À força de boa vontade, paciência e dedicação persistente, ia reconquistando as almas para Cristo. Não se poupava a canseiras para difundir o bem à sua volta. Consagrando-se, muito embora, de alma e coração às almas que lhe estavam confiadas, não esquecia o interesse da Congregação de que era membro.

Dentro em breve, os resultados de tantos esforços começaram a aparecer. De uma carta escrita ao Superior Geral da Congregação, a 30 de Janeiro de 1932, podemos extrair os seguintes passos que traduzimos:

«A cristandade da igreja que nos está confiada, graças a Deus, tem feito progressos consideráveis. Há na capela do Monte Pedral cerca de 20 comunhões diárias e mais de 200 nas primeiras Sextas-Feiras do mês. Ensinamos o Catecismo a mais de 200 crianças e temos regu-

larizado numerosíssimos casamentos. O Sr. Bispo do Porto interessa-se muito por esta igreja e já propôs o nosso apostolado como modelo.

Têm aparecido algumas vocações. V. Ex.ª Rev.ma lembra-se de um jovem que lhe apresentei, por ocasião da sua visita, como um dos melhores catequistas, o qual recebeu de V. Ex.ª Rev.ma uma bênção especial? É hoje um dos nossos melhores escolásticos e filósofo de valor. A escola, anexa à nossa capela, também nos tem dado boas vocações para o Seminário menor da Régua.»

Nesta altura o P. Monte estava a alargar a Residência a fim de albergar algumas vocações tardias que fossem aparecendo. A casa constava de rés-do-chão e dois andares, com sala de aulas e 14 quartos. Nunca serviu para seminário mas foi utilizada para educar crianças pobres da vizinhança. A isso se refere o P. Monte em carta à sobrinha, com data de 22 de Outubro de 1934:

«Minha querida sobrinha,

«Muito obrigado pela tua carta de 3 do corrente; assim é que se faz. E digam que ralhar não é bem!

«Escrevo mesmo à última hora, temendo que esta não apanhe o paquete de amanhã em Lisboa.

E isso aflige-me, porque não te queria dar maus exemplos! É que isto de ocupações vai cada vez mais sério, cada vez mais rijo.

«Não bastavam os trabalhos da igreja; meti-me com uma escolinha, mesmo na própria casa onde habito. Doía-me o coração ver tanto esfarrapadinho por estas vizinhanças, tanto filho de operários ao abandono.

«O senhor Bispo comprou-me as carteiras; uma casa religiosa mais próxima dispensou uma Irmã e aí temos de pé uma escola! Não obstante garanto-te que instalá-la, e ouvir a gritaria dos cavalheiros, e procurar sossegá-los quando mais irrequietos, não é pequena tarefa. São actualmente 35, porque a Irmã professora não pode ensinar a mais. Todos de 8 a 10 anos. Tudo isto, modos de acudir aos pobrezinhos.

«A grande escola, porém, é a que está instalada ao lado da igreja do Monte Pedral, distante da minha morada um quarto de hora. Essa tem 250 alunos e 8 professoras religiosas Franciscanas. Também me dá grande canseira, sobretudo na véspera da primeira Sexta-Feira, quando das confissões de perto de 200 alunos e alunas.

«E os doentinhos? Os pobres tuberculosos? É agora que mais os ceifa a terrível doença. Tenho dias de prepar três e quatro: trabalho bem extenuante e penoso, visto as circunstâncias de miséria e falta de higiene em que

vivem; mas, de todos o mais consolador, porque é sempre salvar mais uma alma!

«Eis aqui as novidades que posso contar. Levando esta na algibeira para o correio, vou fazer uma instrução a umas aspirantes a Religiosas que no Domingo tomarão o santo hábito, iniciação na vida religiosa.

«Mil recados a todos: Pai, Mãe, Tia e Menina. Abraça-te o tio muito amigo».

MINISTÉRIO NO MONTE PEDRAL

O P. Monte empregava todos os meios que o zelo lhe inspirava para levar as almas ao bom caminho. Os seus trabalhos foram tão bem recompensados por Deus que foi preciso alargar a capela que se enchia completamente nas duas Missas do Domingo. Mesmo à semana era muito frequentada. Na véspera das primeiras Sextas-Feiras era tanta a afluência que se tornava necessário chamar um padre de Viana ou de Braga para ajudar nas confissões.

Em carta de Abril de 1935 conta ao vivo o trabalho que lhe dão as confissões, cada vez mais numerosas:

«Minha querida sobrinha,

«Já que vos deixei sem carta, a ser recebida neste santo dia de Páscoa, ao menos ponho de

parte todos os outros cuidados, e, antes que o dia acabe, escrevo-vos em dia de Páscoa!

«Boas Festas, minha saudosa Maria, para ti, para teus Paizinhos, para a Menina, para as Tiazinhas, para esta boa família que Nosso Senhor concedeu, sobretudo, aos últimos anos da minha vida!

«Bem decerto não me esqueceram no dia de anteontem que por sinal era dia bem santo e bem lembrado. Entrei, minha queridinha, nos sessenta, como quem diz, na casa e no rol dos velhos! Já se percebe que fiz propósitos sérios para este último quartel da vida. Nosso Senhor mos confirme e dê força para os ir cumprindo.

«Continuo só na tarefa de uma igreja da cidade. Este ano, mercê de Deus, tem sido de uma afluência de confissões que mal podes calcular. Quase todos os dias, confissões até ao meio-dia. Ainda hoje assim foi. Sacrifício esmagador quando nos Domingos, como hoje ainda, tenho de celebrar duas Missas, uma às 7 horas e outra às 10,30, esfalfando-me em jejum, antes da primeira, no tempo que medeia até à segunda e às vezes após esta última acabar, ouvíndo confissões.

«E não diga a minha filhinha que me lamurio muito porque, se a boca fala da abundância do que vai no coração, que outra coisa me poderá sair da pena que não sejam lamúrias?

«Mas vamos lá que não sou tão infeliz como isso! Ao menos tenho-vos ainda e pude convosco

entreter este momentinho de dia tão santo, servindo estas linhas a provar-vos que nem o cansaço esmagador, nem as visitas que se repetem, nem o exemplo dos que passeiam — e a tarde pôs-se bela! — puderam afastar-me deste dulcíssimo e agradável dever. E adeus, meus amiguinhos.

«A todos um saudoso abraço e um voto emitido já ontem de que tenham alegres festas.

«Creiam-me o seu muito afectuoso irmão, cunhado, primo e tio».

FRAQUEJA-LHE A SAÚDE

A saúde do P. Monte ressentia-se de tanto esforço dispendido, mas não o fazia desanimar. Depois de alargar a igreja, tratou de fazer os altares e adquirir as imagens. Em Janeiro de 1935, relata à sobrinha, entre outras coisas, a linda festa da entronização da imagem de Maria no altar-mor.

«Minha querida sobrinha,

«Muitos agradecimentos pela grande carta que me enviaste. Li-a mais de uma vez: já hoje começou a sua execução. Passou aqui um missionário a quem incumbi a história do pretinho Teodoro e das pretinhas M. Estrela e M. C. de Lourdes! Esta muito linda, conforme os desejos de tua mãe: «se me derem uma máquina mila-

grosa», respondeu o Sr. Padre... que ainda assim faria diligências.

«Recebi o vale do correio para a imagem do Coração de Jesus. A coisa, porém, queridinha, não irá tão depressa como era meu desejo. Vamos assim: será adquirida no dia dos teus anos, disto te dou palavra de honra — muito mal escrita, mas verdadeira — e a remessa far-se-á logo que ser possa e nas melhores condições que estudarei. Para te ires entretendo vão, como prenda deste ano, dois livrinhos de leitura, qual deles mais interessante e proveitoso: *Nossa Senhora de Fátima* com lindas gravuras e *Quarenta anos de A'frica,* que é, parece-me, o livro de Missões mais interessante que há em português. No começo parece maçador, mas adiante encanta.

«Seria, minhas amiguinhas e queridas sobrinhas, para verem como se trabalha pelas almas dos pretinhos! O autor, Mons. Keiling, será, no mês de Abril ou Maio, meu hóspede nesta casa durante uma semana, pois vem este ano descansar um pouco das fadigas africanas.

«Terás recebido a última carta em que te falava da minha saúde? Graças a Deus, tenho melhorado, mas ainda não estou completamente bem: sinto, no entanto, que voltarei à saúde antiga.

«E os dias da festa e véspera, que foram ontem e anteontem?! Que trabalho, que can-

seira, que cuidados, que arrelias! Mas tudo passou; e ficou a imagem da Mãe do Céu no seu trono belo, dominando a igreja.

«Festa encantadora! Sua Ex.ª Reverendíssima nos dois sermões arrebatou o auditório que era enorme. Muito me arreliei, sòzinho, para dirigir esta manobra fora e dentro de casa. Sòzinho, quer dizer, sem outro companheiro de casa que me auxiliasse; pois de fora, para as cerimónias e assistirem ao Sr. Bispo, não tive menos de 7.

«Menina, não posso escrever mais que estou muito cansado, nem sei se poderás ler bem estas garatujas. Diz à Evangelina que agradeço o seu cartão e a ti o calendário e a tua mãe a bela cantiga à pretinha! Quando vier o retrato, então virá a resposta.

«Dá um abraço a teu Pai e Mãe, às Tias e à Menina. Aceita outro de parabéns pela bela idade dos teus 33 anos. Quando por eles passei, era dia de Páscoa e preguei a primeira vez sem levar o sermão decorado! Recordações...

«Adeus. Teu tio e amigo».

Ampliada a igreja e inaugurado o altar-mor, com a imagem da Imaculada Conceição a dominar o templo, faltavam os altares laterais. Quantas canseiras e arrelias para levar a cabo essa obra! Mas em menos de um ano estava tudo concluído, de modo que puderam ser inau-

gurados na festa da Imaculada Conceição de 1935. Ouçamo-lo a contar isso à sobrinha:

«Querida sobrinha,

«Escrevi-te, ou melhor, escrevi-vos no último paquete e naturalmente escreverei pelo próximo, que é o do Natal; mas este não pode ficar sem comemoração.

«Foi pelo Carvalho Araújo de há três anos que vos fui ver. Não passa desapercebido o dia: eis porque escrevo.

«Há quinze dias que estamos sob um temporal desfeito: chove contínuamente com um frio que corta. Não me admiro que as agulhas reumáticas tenham voltado; felizmente, porém, que não tem sido como no ano passado.

«Vou no dia 8 de Dezembro inaugurar os altares laterais da igreja que está a cargo da Congregação, no Monte Pedral. São dedicados ao Sagrado Coração de Jesus e a S. José.

«As imagens estão a acabar, assim como os altares. Tudo muito simples, mas perfeito. As imagens têm $1^{m},75$ de altura e são de madeira. Para conseguir isto em menos de um ano, tenho perdido muita tarde, estragado muitas solas, moído muito a minha paciência e também a dos amigos que me coadjuvam. Um deles, sobretudo, que é o principal, só lhe posso falar depois das 9 horas da noite. Demora-se e depois

acompanha-me até casa e só me deito depois da meia-noite, e no dia seguinte, quer dizer, de manhã, às 5 horas, toca a levantar que não há remédio. E com isto vamos gastando as forças. Aceitará Nosso Senhor o sacrifício? — É quanto me basta.

«Adeus. Diz a todos os nossos que não os esqueço. Aceita um saudoso abraço do teu tio e amigo.»

CAPÍTULO VIII

Dedicação até ao heroísmo

Pode dizer-se, com verdade, que o P. Monte imolou os últimos anos da sua vida pelas almas que lhe estavam confiadas. A sua dedicação sem limites abreviou, por certo, aquela existência que ele tinha em pouco logo que o bem se difundisse à sua volta.

No Monte Pedral, ao lado da pobreza espiritual, havia muita miséria física. Muitas famílias, sem meios e sem trabalho, ali viviam em negros tugúrios, minadas pela tuberculose. Pouca higiene, dormindo na mesma sala e por vezes na mesma palha, pais e filhos, alguns corroídos já mortalmente pela doença terrível que os havia de ceifar a todos.

O P. Monte confrangia-se à vista de tanta miséria. Não se cansava de usar da sua influência em favor dos pobres, sem pão e sem traba-

lho. Para mitigar um pouco tamanha indigência, havia uma creche para as crianças e uma cozinha económica para os pobres, dirigidas pelas Irmãs Franciscanas, às quais o P. Monte dava toda a colaboração.

Embora tratando do corpo, não esquecia o principal: a salvação eterna desses deserdados da fortuna! Como já vimos acima, tinha dias de preparar três e quatro para comparecerem diante do Juíz Supremo «que há-de dar a cada um segundo as suas obras».

Em carta de julho de 1936 ainda fala desse trabalho penoso que lhe vinha sobrecarregar a vida já tão preocupada.

«Minha querida e saudosa sobrinha,

«Tanto gostava de reler as tuas duas cartas antes de principiar esta! Impossível! Se não parte hoje, perde o paquete e eu não queria isso.

«Não quero canonizar-te em vida e bem sei que tens o teu pedaço de veneta, mas, ainda assim, não és má menina, antes pelo contrário! Quer o tio das barbas escreva quer não, tu escreves sempre. Onde houve melhor sobrinha?

«Guardo as tuas cartas todas. Ainda não perdi uma só desde a primeira que me escreveste e que recebi aí mesmo. Guardo porque as estimo e também para que, tendo uns diazinhos

de sossego, as releia, revivendo os anos decorridos...

«Quando virão dias sossegados para mim? Quando Nosso Senhor quiser. Agora mesmo que afervento estas linhas, já estou avisado que não deixe o tuberculoso da Rua do Nogueira sem os Sacramentos, porque pode muito bem acontecer que não passe a noite. E ele nunca se confessou; é preciso ver se há meio de o casar religiosamente, porque só o está pelo civil. Duas a três horas serão precisas para o arranjinho. E o mais para esta tarde? Preparar a consulta de um especialista do peito para um padre que virá amanhã consultá-lo. Ir tratar de um negócio urgente que respeita o Seminário de Viana. E a recitação do Breviário? Ficará para entre as 11 e a meia noite!

«Então temos um priminho a cantar Missa Nova a 2 de Agosto? Se te for fácil, dá-lhe os meus parabéns, com um voto sincero de grande e frutuoso apostolado nas almas. Se me tivesse chegado um avião que encomendei há tempos, não faltaria à festa... Será talvez quando menos se esperar...»

É ainda ao voltar de um tuberculoso que dá forte canelada que o retém inactivo durante um mês. Com a simplicidade costumada, narra à sobrinha esse episódio em carta de Março de 1937.

«Minha querida sobrinha,

«Recebi a tua carta de 17 de Fevereiro que, como sempre, me encheu de consolação pelas coisas interessantes que nela me referes e pelo carinho que tens pelo pobre e velho tio. Nosso Senhor te pague.

«Terão estranhado que lhes não desse notícias pelo último paquete? Desta vez, porém, tive eu razão. Ora ouve.

«No dia 13 de Eevereiro, quando voltava de sacramentar um pobre tuberculoso, dei uma forte canelada numa escada manhosa que, apesar dos devidos cuidados, se agravou. Daí resultou ficar preso no quarto, de perna estendida, à espera que semelhante morrinha passasse. Só agora, passado um mês, principio a sair de casa, com muito cuidado, porque uma das feridas ainda não cicatrizou por completo; mas está em boas vias disso.

«Hoje, dia do meu glorioso padroeiro, S. José, já passei toda a santa manhã no confessionário! Graças sejam dadas a Nosso Senhor por este mimo. Pede ao Céu que eu saiba tirar dele todo o proveito espiritual para a minha alma e para a dos outros.

«Boas e alegres Páscoas a toda a minha querida família do Nordeste!

«Desta feita, nem umas estampinhas, porque a perninha enferma — é a esquerda — não quer

ir à cidade por elas!... Pelo mesmo motivo, hoje não te posso dar conta das investigações da lâmpada. Será para o próximo correio.

«Então a nossa Menina vai levantar voo? Segue a vocação que Deus lhe deu; e se, como felizmente parece, todas as condições requeridas se encontram no presente caso, a nós só compete implorar para ela as bênçãos e a protecção do Céu.

«Ir eu aí assistir ao casamento? Quem me dera! Porém, onde ir buscar um substituto quando, durante este meu incómodo, um que ia partir para as Missões reteve o seu embarque por um mês para que isto não ficasse ao abandono? Chama-se P. Seabra e será ele o novo encarregado dos afilhadinhos... Muito nos divertimos com os versos... Desta vez será a poetisa satisfeita. Diz-lhe que confie em mim e terá uma Maria de Lourdes tão linda como a primeira, mas preta ...»

O P. Monte foi, desde o princípio, confessor das Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus e também, durante muitos anos, das Irmãs do Coração de Maria, do Colégio do Rosário; mas a actividade do seu ministério teve por principal teatro o Monte Pedral.

ASSISTENTE DAS OBRAS DO MONTE PEDRAL

Com efeito, têm ali a sede vários organismos que fazem da capela de Nossa Senhora da Conceição um centro de intensa vida cristã.

São as Escolas Jesus, Maria e José, com as suas centenas de alunos; a União dos Tarcísios do Porto, fundada pelo Sr. D. António Barbosa Leão para a propaganda da imprensa católica na Diocese; o Apostolado da Oração que promove todos os anos uma semana de pregação e a desobriga; é o Grupo das Mulheres Cristãs aos pés de Maria, a quem a capela deve melhoramentos importantíssimos; a primeira secção da J. O. C. fundada em Portugal; as duas Conferências de S. Vicente de Paulo onde se encontram almas de fogo a espalhar o bem em altíssima escala!

De todos estes organismos o P. Monte era assistente desvelado. Trazia-os todos no coração, deles se ocupava, sabe Deus com quantos sacrifícios, mas sempre contente, sempre satisfeito: a obra de Deus fazia-se por meio dessas Senhoras, desses Cavalheiros, desses Rapazes! Isso lhe bastava!

Mas essa actividade do P. Monte ia-lhe enfraquecendo as forças, minando a saúde. Ele bem o sentia, mas a consciência incitava-o a dedicar-se de alma e coração à obra que lhe fora confiada. Os dias pareciam-lhe curtos e por isso,

como já vimos mais de uma vez, prolongava-os até volta da meia-noite. Às cinco horas a campaínha chamava para a Oração da manhã e ele não discutia: era preciso principiar de novo a tarefa, continuar o mesmo sacrifício!...

Embora seja um caso esporádico, não deixa de ser elucidativo o facto que relata à sobrinha em Novembro de 1939:

«Minha querida sobrinha,

«Escrevo tão à última hora que nem tenho tempo de reler a tua prezadíssima carta; mas não quero deixar-vos sem estas duas linhas, a fim de não parecer o que não sou — um preguiçoso e desmazelado.

«A coincidência da festa de Todos os Santos com as Almas, primeira Sexta-Feira, Cristo Rei, etc., tomou-me de tal forma o tempo que mal podia tomar as refeições.

«Enquanto escrevo, sinto-me prostradíssimo, como quem dormiu apenas três horas. Houve sessão solene em honra de Cristo Rei, a qual só pôde ser realizada ontem, dia da oitava: Tive de presidir e encerrar a sessão, recolhendo-me só às duas horas com sentença de levantar às cinco e confessar toda a manhã numa casa religiosa. Não estou doente, graças a Deus, mas sinto-me tão abatido e cansado que tenho dó de mim mesmo. O serviço cresce e os operários não; o Senhor mo tome em linha de conta...«

PRIMEIRO REBATE DA MORTE

Em Abril de 1942, o P. Monte sentiu o primeiro rebate da morte. Foi vítima de uma crise de tensão arterial que lhe pôs a vida em risco. Começava o crepúsculo daquela existência a quem tantas almas ficavam devendo o retorno a Deus ou o incitamento à prática da virtude.

Na manhã do dia 17, foi encontrado, à saída do quarto, com a cara deformada, procurando falar sem poder. As lágrimas saltaram espontâneas dos olhos de quem presenciou a cena, ao ver o P. Monte naquele estado lastimável. Ele compreendeu também a sua situação e deixou correr algumas lágrimas que lhe humederam as barbas brancas da idade e da dedicação a bem das almas.

Eis como ele descreve essa crise, confortado já pelas melhoras que principiava a sentir:

«Querida e saudosa sobrinha,

«Vai ser pequena esta carta, pois estou convalescente de uma crise de tensão arterial que poderia ter sido de ruins consequências. Mas pela misericórdia de Deus e intervenção da nossa Mãe Imaculada de Fátima tudo se venceu.

«Agora, no dizer do médico, vou ficar em melhor pé do que estava antes da dita crise. Obrigou-me à cama desde 17 de Abril até ante-

-ontem, 3 de Maio. O médico, que é ao mesmo tempo meu amigo, diz que quem governa agora na minha saúde é ele. Por isso, todo o trabalho que fizer daqui por diante e todo o alimento que tomar há-de ser tudo combinado e regulado com ele! E, se eu for um cliente pronto em obedecer, passarei dos oitenta!

«Agradecei comigo a Nossa Senhora o ter-me ajudado a recuperar a saúde que pareceu por um momento abalada mas que, repito, melhorou e com vantagem sobre o passado.

«Acuso a tua muito prezada carta de 21 de Abril, cumprimentando-me pelos meus anos e agradeço todos os votos que por mim fizeste a Nosso Senhor naquele dia. Passei-o na cama, reflectindo sobre o melhor modo de viver neste mundo que é, incontestàvelmente, procurando o Céu!...»

ARTIGO DA «VIDA E SAÚDE» Por esta ocasião, o jornal *Vida e Saúde* inseria nas suas colunas estas palavras altamente elogiosas para a pessoa e obra do P. Monte:

«*Vida e Saúde*» honra-se, registando nas suas colunas o nome do P. José Pacheco Monte, o bondoso e infatigável missionário do Espírito Santo que, depois de prestar valiosíssimos serviços à Igreja e à Pátria em terras do Ultramar português, veio continuar a sua valiosa e bené-

fica acção nesta cidade e em especial na área do Monte Pedral, onde, durante 13 anos de um verdadeiro apostolado, com sacrifício da sua saúde conseguiu realizar uma obra notável, tanto sob o ponto de vista religioso como social.

«A sua intensa acção religiosa tem-se desenvolvido por intermédio da Capela do Monte Pedral. A acção social tem-se exercido pela escola Jesus, Maria e José e pela Sopa Económica que ali funciona.

«São órgãos diferentes de um só corpo, cuja acção se desenvolve na prática do bem, no desenvolvimento de todas as virtudes. Em benefício da Sopa Económica, realizou-se há alguns dias no edifício da Escola de Jesus, Maria e José um interessante sarau em que tomaram parte as crianças da referida Escola.

«Ao iniciar-se o espectáculo, um antigo aluno, em palavras de sentida homenagem, lembrou o nome e a obra valiosa do bondoso e activo capelão da Capela do Monte Pedral, P. José Pacheco Monte, cuja saúde se abalou num constante dispêndio de energia para o desenvolvimento da sua obra, ou seja, para bem dos pobres.

«*Vida e Saúde* associa-se de coração a essas palavras, e neste momento em que a doença o retém no leito, afastado da sua obra e dos seus pobrezinhos, faz votos fervorosos para que, dentro de breve tempo, tão prestimoso sacerdote

possa retomar a sua actividade, dando largas à sua bondade infinita, à sua infatigável actividade».

ARTIGO DO «JORNAL DE NOTÍCIAS»

O *Jornal de Notícias*, a propósito da mesma sessão, referia-se nestes termos ao nosso biografado:

«Ao começar do espectáculo, um antigo aluno da Escola Jesus, Maria e José lembrou, em palavras de enternecedora homenagem, o nome e a obra do zelosíssimo capelão da Igreja do Monte Pedral, Sr. P. José Pacheco Monte, que há semanas se encontra enfermo.

«Missionário do Espírito Santo, com larga e valiosa folha de serviços à Igreja e à Pátria — quem ignora a sua admirável acção no Ultramar português? — o Sr. P. Monte conquistou um grande lugar no coração dos moradores do Monte Pedral. É ali consideradíssimo. De sobejo o merece pela obra notável que tem levado a cabo. Deve-se-lhe a transformação profunda — íamos a escrever miraculosa — operada, no decorrer de 13 anos, naquele sector da cidade. Está hoje outro. Quem viu o Monte Pedral — e quem o vê! — Transformação completa sob o ponto de vista moral e até social.

«Quais os *instrumentos* dessa acção admirável? O religioso — através da capela do Monte Pedral, e o social — por intermédio da Escola

Jesus, Maria e José e da Sopa Económica que ali funciona: São dois corpos numa só alma»

A vida do P. Monte estava a finar-se. Aquela lâmpada que Deus acendera ia extinguir-se, depois de iluminar e aquecer muitas almas que lhe sentiram a influência. O P. Monte ainda alimentava esperanças a respeito da sua saúde, mas aqueles que o cercavam viam claramente que não iriam longe os dias daquela existência benemérita. Apesar de tudo, ia trabalhando sempre com a mesma dedicação, talvez com maior heroísmo.

Em Novembro de 1942, escrevia à sobrinha a última das cartas que chegaram até nós. É uma verdadeira pintura da sua alma simples, amante da família e da *Boa Mãe* do Céu.

«Querida e muito saudosa sobrinha,

«Recebi pelo mesmo paquete as tuas duas cartas de 6 e 23 de Outubro. Não avalias quanto me vieram consolar, sobretudo a segunda em que me falas da obra em que andas empenhada. Muito bem, muito bem e parabéns quando mesmo as promessas, por motivos imprevistos, não cheguem a executar-se. Parece bem que o dedo, a protecção de Deus está lá!

«Quanto à minha ida a ver-vos, descansa que não é o meu coração tão duro e tão de pau que renuncie a isso, logo que se apresente o

momento oportuno em que a glória de Deus e o bem das almas não sofram. Tenhamos confiança que, se for a vontade de Deus, Ele saberá deparar a ocasião oportuna.

«Da minha saúde que te direi? Que tenho de ir com cautela. Sobriedade na comida: esta é a mais fácil. Sobriedade no trabalho: mas este, às vezes, é tão necessário e urgente! Sobriedade nas arrelias que, por vezes, nascem debaixo dos pés! Este género de sobriedade está ligado à virtude da paciência. Pede a Nosso Senhor que ma dê sempre.

«A consagração do Mundo ao Imaculado Coração de Maria, feita por S. Santidade no dia 31 de Outubro, encheu-me o coração. Farei com que o Monte Pedral o sinta e o viva comigo.

«Muitas saudades a todos e ao Zulmirito. Um abraço do teu tio muito amigo».

CAPÍTULO IX

Na mão de Deus

Deus fez passar o P. Monte, antes de o chamar a Si, pelo crisol do sofrimento, que lhe foi elevando a alma cada vez mais para as alturas. A dor física e moral foi o pão quotidiano de que se nutriu aquela existência nos últimos dias da sua vida sobre a terra.

Depois da crise de tensão arterial, de que falámos no capítulo anterior, o médico prescreveu-lhe grande moderação no trabalho, nas arrelias e na alimentação. Este conselho que ele procurava respeitar, como lhe era possível, mortificava-o bastante.

Diminuir-lhe o serviço era pôr um travão ao zelo ardente que o devorava e, portanto, ferir-lhe o ponto mais sensível do seu ser.

Tinha de fazer grande esforço para conter os nervos, fàcilmente impressionáveis, com as mil e uma ocasiões de arrelias que lhe apareciam na sua vida apostólica. A abstinência contínua fazia-o andar sempre com o apetite insatisfeito. Como assimilava tudo o que tomava, era forçado a comer muito pouco e, por isso, não conseguia matar a fome que constantemente o atormentava. Foi ainda nessa altura qua se privou, por completo, do fumo, recordação dos tempos saudosos que passou nas Missões de Cabinda.

ÚLTIMO ATAQUE No dia 4 de Maio de 1943, ao terminar a devoção do Mês de Maria no MontePedral, o P. Monte sentiu-se muito mal e queixou-se na sacristia, diante das pessoas presentes. Recolheu a casa e foi acometido por um ataque cerebral que lhe paralizou o lado esquerdo e o reduziu à mais completa inactividade. Por mais de um ano continuaria no leito o apostado da dor quando o da acção se tornara impossível.

Foi servido com todo o carinho, a princípio pelas Irmãs encarregadas de velar os doentes durante a noite e, mais tarde, pelas Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus. Por fim, vieram de Braga dois Irmãos Auxiliares da Congregação que se ocuparam do querido doente, de dia e de noite. O Sr. Dr. Miranda, amigo pessoal do P. Monte, dispensou-lhe os seus

cuidados médicos, com desvelo e carinho inexcedíveis.

O P. Monte sofreu muito na última doença. À paralisia vieram juntar-se ainda um tumor na perna esquerda e certos momentos de quase alienação mental.

O tumor, originado por uma injecção, agravou-se assustadoramente. Apesar de lancetado, parece que nunca chegou a cicatrizar por completo. Era com ternura e lágrimas nos olhos que pedia desculpa às Irmãs, de algum desmando involuntário nos momentos de perturbação mental.

Reconhecendo-se a necessidade de o hospitalizar, recolheu ao Hospital de Santa Maria, onde era conhecido e estimado. Mais tarde passou para a enfermaria dos Padres do Espírito Santo em Fraião — Braga. Foi ali que, devagarinho, se apagou esta «lâmpada que o Senhor acendera em boa hora e que tanta luz tinha irradiado através de três Continentes, em fecunda actividade apostólica».

A MORTE — Confortado com os últimos Sacramentos, o P. Monte rendeu plàcidamente a Deus a sua bela alma, na tarde do dia 9 de Junho de 1944. Velado toda a noite pelos confrades em religião, teve ofício solene de Defuntos na manhã seguinte. À tardinha, o cortejo fúnebre, formado pelos

confrades e reduzido número de amigos, descia vagarosamente a encosta do Fraião, em direcção ao cemitério de Braga.

«Não puderam comparecer a prestar-lhe as últimas homenagens — como disse *Acção Missionária* — nem os padres que ele ajudara a formar no Seminário Apostólico da Formiga, hoje dispersos através do mundo, nem os pretos que ele evangelizou nas Missões do Espírito Santo em Angola, nem os portugueses da América do Norte que durante três anos beberam sôfregos a sua palavra apostólica; não podiam ir até Braga, mesmo que para tal fossem convidados, os pobrezinhos, os doentes, as crianças do Monte Pedral, às quais ele tinha dado, sem contar e até cair, os últimos 15 anos da sua laboriosa vida.»

Em campa rasa ficaram repousando os restos mortais do saudoso finado à espera da glorificação final. À beira dessa sepultura, têm ido alguns amigos rezar pelo descanso da sua alma e recordar as belas virtudes que a ornavam.

RUA P. JOSÉ PACHECO MONTE

Entre todos, têm-se distinguido os Tarcísios do Monte Pedral, que várias vezes têm organizado peregrinações ao túmulo do seu antigo assistente, em preito de homenagem e sentida gratidão. Em Setembro de 1947 colocaram na campa uma lápide. Gesto que

revela os sentimentos nobres dessa associação e exalta a memória do P. Monte que os soube despertar.

Os Tarcísios foram mais longe ainda na sua gratidão ao apóstolo do Monte Pedral. Pediram à Câmara do Porto que desse o nome do P. Monte a uma das ruas daquele sector da cidade. Por deliberação camarária de 19 de Junho de 1946, a Rua do Nogueira passou a chamar-se Rua P. José Pacheco Monte. Merecida homenagem a quem desinteressadamente sacrificou os últimos anos da vida a elevar o nível religioso, moral e social dos habitantes daquele bairro. Padrão que fica a recordar a todos o nome de quem tão bem serviu, durante toda a vida, a causa de Deus e da Pátria!

* * *

SIMPLICIDADE DO P. MONTE

Antes de terminar este esboço biográfico, queríamos dizer algumas palavras sobre a simplicidade do P. Monte e o seu amor à família.

Foi com verdade que o seu amigo, P. José Jacinto Botelho, pôde escrever: «Alma de uma candura singular, os que dele nos aproximávamos não tardávamos a sentir-lhe o contacto benéfico. Era o perfume de Cristo que aquela alma irradiava. Modesto até ao excesso, des-

preocupado dos aplausos mundanos, para Deus vivia e todo a Deus se dava».

A simplicidade era a virtude predilecta da sua alma. No retiro pregado aos Irmãos de Sintra em 1910, dizia-lhes, com franqueza: «Eu adoro a simplicidade: é a virtude característica da nossa Congregação! Nunca pude compreender a pessoa do nosso santo e venerável Fundador senão como um servo de Deus muito simples».

E' ainda nesse retiro que explica a concepção que formava da simplicidade. «A simplicidade — escreve ele — é a filha mais velha, a filha primogénita da humildade».

«... De um vestido dizemos que é simples quando não tem enfeites nem folhos nem arrebiques; quando é liso como a camisa do Menino Jesus! Uma alma é igualmente simples quando vai direita ao seu fim que é procurar em tudo, por toda a parte e sempre, a honra e a glória de Deus, desprezando todos os manejos, meios e ocasiões de que os homens se costumam servir para se exaltarem e engrandecerem...»

«... Ser simples é ser humilde! É não ter malícia, nem disfarce, nem simulação... É não mostrar no semblante virtudes que a gente sabe não ter no fundo da alma. E', numa palavra, não ser fingido nem hipócrita».

«...Homem simples é aquele que nunca procura alardear da sua pessoa, e, ainda muito menos,

enganar os outros, mostrando-se mais do que é na realidade».

«...Ser simples é ser aberto com o director, contando-lhe, sem mistérios nem rodeios, tudo o que lhe interessa saber, diante de Deus, para bem nos guiar.

«...Oh! Ser simples! Procurar, pela totalidade da nossa pessoa e dos nossos actos, puramente a glória de Deus! Oh! como é lindo, mas também como é raro!

«Ah! Quantos já tenho encontrado que não são simples e que, se vão para a frente, é à força de adulação!... Simplicidade seria cada qual cumprir o seu dever sem ter necessidade de carícias e de afagos e animações e aplausos. Pois, conheci tal que era ridículo no que pensava e dizia de si próprio, na opinião em que se ti ha! Chegando a certa casa, o primeiro cavaco com o superior foi contar-lhe muito pelo miúdo os empregos vantajosos que deixara para vir a ser religioso!...»

No final da conferência sobre a simplicidade, o P. Monte exortava os seus ouvintes com estes pensamentos singelos e interessantes: «Entrai, pois, no verdadeiro espírito de simplicidade cristã. Nada de preocupações exageradas, sejam interiores sejam exteriores. Digo exteriores propositadamente; pois aparecem, às vezes, pelas cabeças de alguns umas cabeleiras, perdoai-me, que mais parecem ninhos; umas barbinhas no

queixo tão repenicadas que se assemelham à décima pirâmide do Egipto; e por cima, uns bigodinhos que são como corninhos de lua nova! Que é isto senão desejo de parecer bem, falta de simplicidade?»

O P. Monte pregava a simplicidade porque a vivia. Era simples nos modos e nas palavras, em público e em particular. Na sua presença todas as pessoas se encontravam à vontade. Sabia exprimir-se com graça e singeleza que lembravam, muitas vezes, o P. Manuel Bernardes, de quem era grande admirador.

AMOR DA FAMÍLIA

Há muito quem pense que os Religiosos, abandonando tudo para seguir o Mestre, deixam, pelo facto mesmo, de amar a família. Esquecem essas pessoas que o amor de Deus não destrói o que há de bom na alma, mas eleva tudo a um grau mais perfeito. O amor do próximo só atinge o auge da perfeição quando é o resultado necessário da plenitude do amor divino.

O P. Monte amou sempre ternamente a família e o cantinho abençoado que o viu nascer. Falar-lhe dos Açores era tocar as fibras mais impressionáveis do seu ser. Os olhos sorriam-lhe e dava a ilusão de rejuvenescer!

É verdade que foi apenas quatro vezes visi-

tar a família, durante 44 anos da sua vida religiosa. Mas se não foi mais vezes é porque sabia antepor a glória de Deus e o bem das almas à satisfação legítima de passar alguns dias no aconchego dos entes queridos.

Embora de longe, acompanhava a vida da família: ria-se com ela e com ela chorava! Interessava-se por tudo o que lhe dizia respeito, como já tivemos ocasião de ver nas cartas que transcrevemos. A carta de 5 de Dezembro de 1936 não é menos elucidativa:

«Minha querida sobrinha e muito saudosa Família,

«Aproxima-se o Natal e, como estamos longe, vou desde já enviando a todos muito Boas Festas, muito santas, muito alegres, muito cheias do amor de Jesus. Nem tenhais dúvidas de que, na barafunda de trabalho e canseiras que me trazem aqueles dias, vos esqueça em minhas orações e sacrifícios.

«Posto isto, dir-te-ei, boa sobrinha, que a tua última carta me encantou, porque te vejo lançada em trabalhinhos que muito se parecem com os meus — a Liga da J. C. F.. E o que digo a

ti digo-o igualmente à Menina e mesmo às tuas tias e minhas boas primas».

ESPÍRITO SOBRENATURAL NO AMOR À FAMÍLIA

«O amor de Jesus não pode nunca viver ocioso no coração de uma alma. Jesus tem filhos pobres a quem chama os seus *pequeninos* e destes dizia aos apóstolos: «O que fizerdes aos mais pequeninos é a Mim próprio que o fazeis!»

«A par de tantos desleixos cometidos por nós durante a vida, deve ser consolador à hora da morte que deixemos alguma coisa de bom que fale por nós, que prove não ter sido estéril o nosso amor a Jesus.

«Li com muita atenção os estatutos que elaborastes, os quais revelam trabalho, prudência e sobretudo muito boa vontade e sinceridade em fazer bem.

«Gostei e só peço a Nosso Senhor isto: que não desanimes com as dificuldades que possìvelmente hão-de vir. Não há coisa aceite por Deus que as não tenha. Enfim, tu que já agora me conheces bem podes avaliar quanto tudo isso me contenta. Praza a Deus que o pouco que vou realizando nesse sentido, sirva para animar o muito que todas juntas podereis fazer nessa querida terra que tanto amo.

«Começa o tiroteio das cartas do Natal para fora do País. Esta foi a primeira que nada custou a escrever; doutras não poderei dizer o mesmo.

«Parabéns à Menina pelo seu aniversário! «Estendendo os braços envolvo-vos a todos oito no mais terno e saudoso amplexo.

«Do irmão, cunhado, primo e tio muito amigo»...

A carta de 21 de Novembro de 1938 transborda de amor à família, mas amor sobrenatural. É interessante a maneira como procura atear na sobrinha o fogo do amor divino. Se é certo que o amor verdadeiro procura levar as pessoas amadas à união íntima com Deus, esta carta prova muito bem o nosso intento.

«Minha querida e saudosa Sobrinha,

«Acuso a tua carta de 21 de Outubro a qual agradeço.

«Folgo de que a tua exposição de trabalhos das pequenas tenha sido um sucesso! É por coisinhas assim que principiam as coisas que hão-de ser grandes. Escreveste-me à pressa; mas nem por isso a carta deixou de ser para mim muito interessante. Mais à pressa, porém, te escrevo eu. Ora escuta para tua edificação,

que já não é a primeira vez que coisa parecida me acontece.

«Estava eu a dispor-me para escrever de meu vagar não só esta que chamo a nossa carta, mas outras a várias pessoas. De repente, fui chamado ao Hospital da Boavista, onde tinha sido operado, havia duas horas, um dos nossos padres missionários. E lá fui obrigado a ficar das 3,30 às 6 horas que é o momento em que te escrevo.

«Escrevendo hoje, é certo que apanha o paquete; amanhã já é duvidoso e eu não quero deixar-vos sem carta. Amanhã escreverei aos outros.

«Diz-me: interessam-te comèdiazinhas, sobretudo para pequenos?

«Outra coisa que desejo perguntar-te: Tens feito, conforme me prometeste, uso das meditações que te ofereci, pelos teus anos? Há mais de um ano, não medito por outro livro: cada vez mais estimo essas meditações. Ando no IV volume.

«Esta manhã, ao ler a terceira meditação preparatória para a Paixão, lembrei-me de ti e disse comigo: será ela fiel à sua meditação diária? Pensará nela todas as noites? Destinar-lhe-á de manhã a hora mais sossegada?

Conservará durante o dia a sua impressão penetrante? «Assim — diz Jesus — a minha Paixão penetrará pouco a pouco no teu coração e, pouco a pouco, o amor transformará a tua vida.»

«Sabes quais são os meus desejos? Que Nosso Senhor te faça uma santa...»

ÚLTIMAS PALAVRAS

Aí ficam, leitor, alguns passos da vida do nosso querido Padre Monte e alguns reflexos da sua alma cristalina, toda feita de rectidão e generosidade para com Deus e o próximo.

A todos os que lhe pudemos chamar nosso *é bem permitido o orgulho que por ele sentimos!*

E somos muitos os que assim podemos falar: a sua família de Nordeste, os seus condiscípulos dos Açores e América, os indígenas de Cabinda, os muitos amigos que deixou por toda a parte, no Porto sobretudo, e de um modo particular os seus discípulos e confrades da Congregação do Espírito Santo, de que foi filho tão dedicado.

Queira Deus que estas páginas, além de sati fazerem uma necessidade do coração de quem as escreveu, atinjam o outro fim em vista: pôr diante dos olhos que as lerem um modelo de alma

sacerdotal, vivendo plenamente a sua vida religiosa e animada pelo zelo apostólico mais verdadeiro e sincero.

Assim era a alma do P. Monte. O seu zelo não fazia alarde de nada, mas estava sempre pronto a comparecer onde a obediência o chamasse: casas de formação na Europa, capelania do Monte Pedral, paróquias portuguesas da América ou Missões entre os infiéis da nossa A'frica.

O muito bem que deixou feito canta contìnuamente o seu elogio.

Valeu a pena viver uma vida assim!

Queira Deus, enfim, que se nos ler algum jovem com sede de ideal e sem saber onde o encontrar, queira Deus que ele se deixe encantar por exemplo tão simples e tão grande e se ponha a seguir-lhe as pisadas...

INDICE

	Págs.
Ao Leitor	5
Cap. I — Nascimento e primeiros anos	7
Cap. II — A Estrela da Vocação	13
Cap. III — Religioso e Sacerdote	23
Cap. IV — Primeiros Trabalhos	35
Cap. V — Missionário no Congo	46
Cap. VI — Pregador na América	56
Cap. VII — Apóstolo no Monte Pedral	65
Cap. VIII — Dedicação até ao heroísmo	80
Cap IX — Na mão de Deus	93
ÚLTIMAS PALAVRAS	107

À VENDA NA

EDITORIAL L. I. A. M.

Manual de Oração — 6.ª ed., 544 págs.:

(Devocionário — Missal dos Domingos e Festas — Ritual — Meditações Bíblicas)

Cartonado (folhas vermelhas)..... 25$00
Encadernação de luxo ..... 50$00

Cantai ao Senhor (Cânticos latinos e portugueses):

3.ª edição, brochado..... 25$00
3.ª edição, cartonado..... 40$00
2.ª edição, com acompanhamentos, brochado ..... 50$00

Canções Missionárias:

Lá vai a Caravela ..... 1$50
A Cruz do Missionário ..... 2$50
Hino da L. I. A. M. ..... 2$50

Luís Cancela — Surpresas do Sertão ..... 7$50

Agostinho de Moura — Remorso da Caridade .... 10$00

Augusto Maio — No Coração da África Negra .. 10$00

O Padre Monte ..... 5$00

Pedidos à EDITORIAL L. I. A. M.
47, Rua de Santo Amaro, à Estrela — *LISBOA*

Composto e Impresso na *Gráfica Oriental, Limitada*
Calçada de Sto. Amaro (à Estrela), 63 — Lisboa

IN LUCEM GENTIUM
R. SANTO AMARO, 47
À ESTRELA
LISBOA